

Carvalho, A. F. (2004) - O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1), Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 185-219

---

# O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)

ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO\*

**R E S U M O** O povoado do Fumo foi intervencionado entre 1996 e 1999 no âmbito da investigação programada do PAVC, tendo revelado um importante contexto arqueológico para o estudo do início da Idade do Bronze no Baixo Côa.

Trata-se de uma única ocupação pré-histórica testemunhada por estruturas habitacionais de tipologias diversas (lareiras, fossas, buracos de poste e uma lixeira), mas sem qualquer edificação pétreia reconhecida. Registe-se a preservação de alguns restos faunísticos, compostos principalmente por ovinocaprinos e bovinos domésticos, além de coelho, javali e veado. As componentes artefactuais incluem objectos em cerâmica (disco, pesos de tear, colheres e um número elevado de recipientes) e pedra lascada e polida.

Tipologicamente, o conjunto cerâmico indica a Idade do Bronze pleno (formas com bases planas e cordões segmentados e mamilos). As decorações são escassas mas muito variadas (triângulos preenchidos, motivos em «espinha», etc.) e incluem restos raros de cerâmica de tipo «Cogeces». Esta atribuição cronológica foi confirmada por datações de radiocarbono. No Baixo Côa, foram identificados outros contextos arqueológicos atribuíveis à mesma época, em regra de menores extensões. Com excepção do Castelo Velho de Freixo de Numão, estes sítios não foram ainda intervencionados, mas demonstram uma ocupação humana relativamente densa na região durante o Bronze pleno, ainda que para determinar os seus contornos económicos ou caracterizar o processo de emergência das sociedades desta época se disponha de dados ainda muito escassos.

**A B S T R A C T** The site of Fumo was under excavation between 1996 and 1999 in the context of the research carried out by the Côa Valley Archaeological Park. It has revealed an important context for the understanding of the Early Bronze Age of the lower Côa Valley. The only prehistoric occupation layer includes various types of habitational structures

(fireplaces, pits, post holes, and a dump area), but without any stone walls. Faunal remains are composed mainly by ovicaprids and domestic bovids alongside rabbit, wild boar and deer. The artefactual materials include objects made of ceramic (disc, loom weights, spoons, and a large number of pots), and knapped and polished stone tools.

Ceramic typology indicates the Early Bronze Age (pots with flat bottoms, cords and knobs). Decorations are rare, but these include a large variety of motifs (incised triangles filled with impressions, «spined» motifs, etc.), and also a few pot sherds of «Cogeces» type. This chronology has been confirmed by radiocarbon datings.

In the Lower Côa Valley other archaeological sites dated to same period have been found. With the exception of Castelo Velho de Freixo de Numão, these are usually small open air sites that demonstrate a relatively dense human occupation in the region. The available data concerning the palaeoeconomy of this settlement system or the modelling of the rise of these Bronze Age societies is still very scarce.

O povoado pré-histórico do Fumo foi intervencionado entre 1996 e 1999 no quadro do projecto de investigação do PAVC (Parque Arqueológico do Vale do Côa) no domínio da Pré-História recente. Tendo vindo a ser paulatinamente publicados os resultados desse projecto, primeiro em artigos de síntese preliminar (Aubry et al., 1997; Aubry e Carvalho, 1998; Carvalho, 1998), depois sob a forma de balanços finais (Carvalho, 1999, 2003), o presente trabalho vem culminar esse esforço de publicação no referido domínio. Em simultâneo, têm vindo também a ser tornados públicos estudos sobre aspectos mais específicos que decorrem daquele projecto do PAVC, concretamente a Antracologia (Queiroz e Van Leeuwen, 2003), a Arqueozologia (Valente, neste volume), ou os primeiros ensaios sobre a articulação entre a arte pré-histórica holocénica e o respectivo sistema de povoamento (Carvalho e Baptista, 2000).

Assim, sobre o Fumo foram já avançados alguns dados preliminares, designadamente acerca das suas condições de implantação, as circunstâncias da sua descoberta e sobre os trabalhos de escavação (Aubry et al., 1997, p. 195-209; Aubry e Carvalho, 1998, p. 32-34; Carvalho, 1998, p. 193). Deste modo, o presente trabalho visa apresentar um balanço final das sucessivas observações de terreno, um primeiro estudo dos materiais e sua integração no contexto regional da Idade do Bronze do Baixo Côa.

## 1. O sítio

Concelho: Vila Nova de Foz Côa  
Freguesia: Almendra  
Coordenadas: 40° 59' 54" Lat. N; 7° 50' 00" Long. W.  
Altitude: 314 metros

O sítio do Fumo foi descoberto em 1992 durante o estudo de impacte arqueológico da pedreira do Fumo, que funcionou entre 1992 e 1995 e cuja lavra se destinava a suprir as necessidades da construção da Barragem de Foz Côa. Felizmente, decidiu-se então que a escombreira da pedreira, inicialmente prevista para a depressão onde se localiza o povoado pré-histórico, seria desviada para Poente, evitando-se assim o soterramento total do sítio.

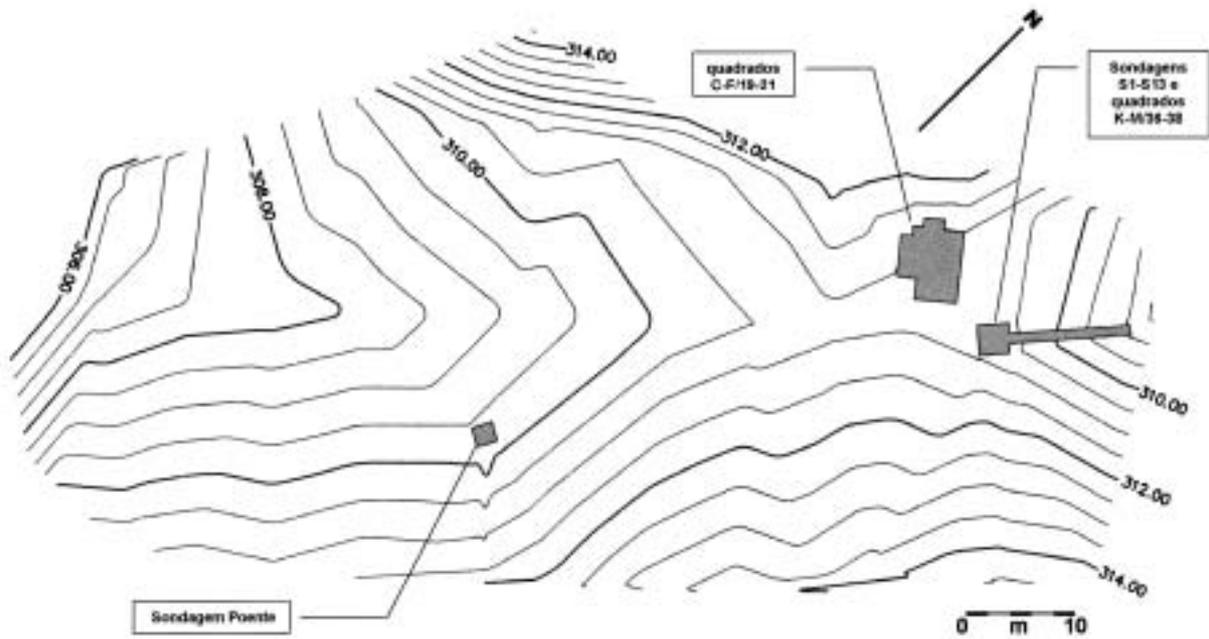


Fig. 1 Topografia do Fumo, com indicação das áreas sondadas (adaptado do levantamento topográfico realizado por ERA-Arqueologia, Lda.). Para localização na Carta Militar de Portugal, ver Aubry et al. (1997, p. 205).



Fig. 2 Depressão onde se encontra o povoado pré-histórico do Fumo (vista de Sul), podendo-se observar as áreas escavadas; no horizonte, o vale do Côa e o rebordo oriental do planalto de Freixo de Numão.

A depressão onde este sítio se localiza tem uma orientação Leste-Oeste, no rebordo Norte do planalto de Almendra (Figs. 1 e 2). Trata-se de uma posição sobranceira à margem esquerda da Ribeirinha, a cerca de 2 km da sua confluência com a margem direita do Rio Côa. O único acesso natural ao povoado faz-se através do planalto, sendo praticamente impossível aceder a partir daquele curso de água, dada a forte inclinação da vertente (Fig. 3). O abastecimento de água durante a ocupação pré-histórica far-se-ia provavelmente recorrendo a uma nascente ainda hoje activa no limite Poente do sítio, havendo ainda memória em Almendra do seu aproveitamento para regadio de pequenas parcelas adjacentes.

A Norte do povoado sobressai uma pequena elevação a partir da qual se obtém um notável domínio visual sobre o troço do Côa entre a Penascosa e a Quinta da Erva-moira, bem como sobre os planaltos envolventes (Fig. 2). Dessa elevação pode-se ainda ver, no horizonte, o rebordo do planalto de Freixo de Numão, onde se localiza, e talvez fosse visível na época, o sítio pré-histórico do Castelo Velho.



Fig. 3 Depressão do Fumo, vista da margem oposta da Ribeirinha, salientando-se a vertente abrupta que limita o povoado pelo lado Nascente; ao fundo da depressão, a escombreira da pedreira do Fumo.

## 2. Trabalhos realizados: metodologia e estratégia de escavação

No povoado do Fumo, o PAVC promoveu a realização de quatro campanhas de escavações. A primeira, que teve lugar em 1996, consistiu na abertura de duas sondagens de 2 x 2 m cada na parte Nascente do povoado. Estas sondagens foram escavadas de acordo com a estratigrafia natural com subdivisão dos estratos em níveis artificiais de 10 cm, tendo os sedimentos sido peneirados na sua totalidade em crivos com malhas de 3 mm.

O objectivo dos trabalhos de 1997 consistiu na expansão da área sondada, tendo em vista a recolha de uma amostra maior de materiais e o esclarecimento definitivo de algumas estruturas habitacionais. A expansão destas sondagens acabaria por resultar na configuração apresentada nas Figs. 1, 4 e 5, correspondendo aos quadrados C-F/19-21. A estratégia de escavação neste ano seguiu basicamente os procedimentos metodológicos empregues em 1996, operando-se apenas duas modificações: (1) a subdivisão dos quadrados em quadrantes de 1 m<sup>2</sup> (designados, em função dos pontos cardeais, por NW, NE, SE e SW), ao nível da camada preservada; e (2) a abolição da escavação dos estratos em níveis artificiais, verificada a fraca potência dos mesmos e a existência de um único nível arqueológico.

Um dos objectivos traçados para a campanha de 1998 foi a escavação da área em torno de uma lareira identificada em 1996, de modo a delimitar a totalidade do seu perímetro (quadrados



Fig. 4 Planta da escavação dos quadrados C-F/19-21, com indicação de um buraco de poste, lareira, lixeira e das fossas 1 a 4.

D-E/20). Outro objectivo, considerado fundamental, era também verificar a possível existência de amuralhamentos no extremo Nascente do sítio, sobre o vale da Ribeirinha. Esta questão mantinha-se em aberto desde a publicação de uma referência ao Fumo como sendo um castro da Idade do Ferro, portanto fortificado (Almeida, 1995), afirmação que se veio a revelar totalmente infundada. Para levar a efeito esta acção, abriu-se um corredor de 13 sondagens de 1 m<sup>2</sup> através do gies-



Fig. 5 Foto dos quadrados C-F/19-21 após a escavação, notando-se no centro da imagem grandes blocos graníticos assentes no topo da camada 2, à esquerda a lixeira e ao fundo as fossas 1 e 2.

tal, designadas por *Sondagem 1* (S1) a *Sondagem 13* (S13) (Fig. 1). Refira-se que o troço central desta sequência de sondagens encontrava-se seriamente afectado pelo desenvolvimento do giestal, que cresceu no local até quase dois metros de altura (Fig. 6). Em termos arqueológicos, este sector do povoado preserva o nível de ocupação identificado anteriormente.

Nos quadrados S1 e S2 haviam sido recuperados vários seixos e fragmentos de seixo de quartzito, que indicavam a presença de restos de uma estrutura de combustão, cuja existência foi possível descartar em 1999 através de uma escavação realizada para o efeito nos quadrados designados K-M/36-38 (Fig. 7). Neste ano, sondou-se ainda uma pequena área de 2 x 2 metros na parte Oeste do povoado, designada por *Sondagem Poente* (Fig. 1), para avaliar a respectiva sequência estratigráfica e confirmar a extensão da ocupação pré-histórica, ape-



Fig. 6 Foto da fiada de sondagens abertas em corredor no giestal da parte Nascente do povoado.



Fig. 7 Foto da área aberta no topo da fiada de sondagens (quadrados K-M/36-38).

nas deduzida com base nos achados de superfície. Esta acção específica permitiu concluir que neste sector do povoado encontram-se exactamente as mesmas realidades estratigráficas e arqueológicas conhecidas na parte oposta.

No final dos trabalhos de campo realizados no povoado do Fumo, a área escavada ascende a 64 m<sup>2</sup>, o que constitui ainda assim uma pequena porção (cerca de 8%) do total do povoado, cuja extensão é estimada em perto de 800 m<sup>2</sup> com base na dispersão dos materiais de superfície e nas condições topográficas do local (Fig. 1).

### 3. Estratigrafia

A estratigrafia do Fumo ficou praticamente esclarecida logo aquando dos primeiros trabalhos, cuja descrição, já publicada em detalhe (Aubry et al., 1997, p. 196), é resumidamente a seguinte (Figs. 8-10):

- *Camada 0* – Camada de terra vegetal, muito delgada.
- *Camada 1* – Horizonte lavrado reunindo materiais pré-históricos (principalmente cerâmicas manuais e pedra lascada) e medievais (cerâmicas a torno e fragmentos de metal).
- *Camada 2* – Nível arqueológico pré-histórico *in situ*.
- *Camada 2a* – Presumível horizonte sedimentar entre as camadas 2 e 3, com a mesma textura da primeira, mas diferindo na cor (rosada); contém materiais arqueológicos raros.
- *Camada 3* – Areão granítico de base, esbranquiçado, arqueologicamente estéril.

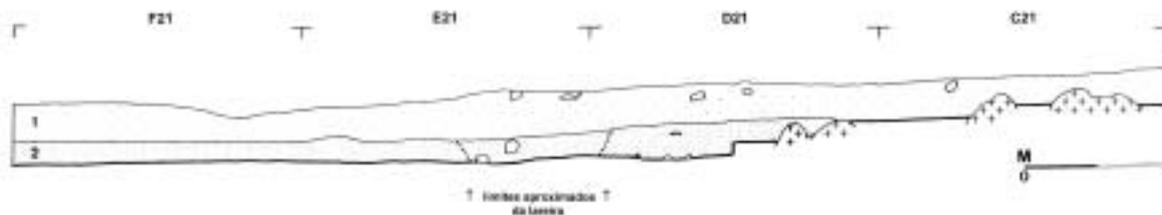


Fig. 8 Corte estratigráfico C-F21.

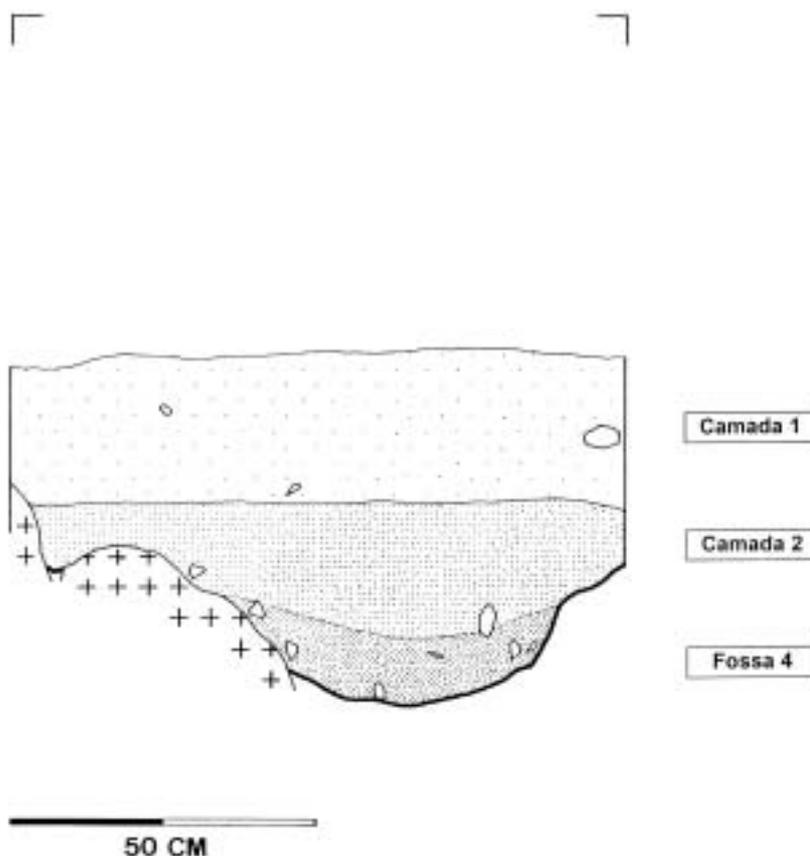


Fig. 9 Corte estratigráfico C21(SW), sobre a Fossa 4.

Para esclarecer em definitivo a individualização da camada 2a, sobre a qual havia dúvidas (foi identificada com os sedimentos saturados de água de chuvas recentes), foram colhidas amostras de todas as unidades sedimentares para análise de composição. Os resultados obtidos (Quadro 1) permitiram confirmar a inexistência real da camada 2a, a qual deverá ser na realidade fruto das condições da sua escavação.

Quadro 1. Análises de composição das unidades sedimentares (a)					
	<i>pH</i>	<i>Matéria Orgânica (%)</i>	<i>Areia (%)</i>	<i>Silte (%)</i>	<i>Argila (%)</i>
Camada 1	6,0	2,2	81	16	3
Camada 2	5,8	1,1	70	24	6
Camada 2a	5,5	0,8	76	19	5
Camada 3	5,7	0,8	78	18	4
Lixeira	6,0	2,1	65	24	11

(a) Realizadas no Soil & Plant Analysis Laboratory, University of Wisconsin (Estados Unidos).



Fig. 10 Foto do corte estratigráfico C21(SW), sobre a Fossa 4.

## 4. Estruturas de habitat

### 4.1. Buracos de poste

Em toda a área escavada no Fumo só foram identificados dois buracos de poste, tendo ambos sido abertos no areão de base. Um encontra-se no quadrado F20 (SW) (Fig. 4). Apresenta perfil em tronco de cone invertido, atingindo uma profundidade de cerca de 25 cm e um diâmetro de 22 cm na abertura. No rebordo junto ao seu topo foram encontrados dois pequenos blocos de granito que poderão ter sido calços do poste. A segunda destas estruturas foi identificada em S13, apresentando 18 cm de diâmetro e perfil cilíndrico.

## 4.2. Fossas

Trata-se de estruturas negativas abertas na camada 3, com contorno subrectangular arredondado, cerca de 1,40 x 0,50 metros (medidas médias), uma profundidade de 10-15 cm e com um preenchimento sedimentar igual à camada 2. Foram identificadas nove estruturas deste tipo, que apresentam, como característica comum, uma orientação aproximada Norte-Sul. A densidade com que se apresentam nas partes escavadas do povoado fazem crer que, a repetir-se o padrão na restante área, existirão centenas de fossas no Fumo, ainda que a sua estrita contemporaneidade fique por demonstrar.

Todas as fossas apresentam sempre, monotonamente, o mesmo conteúdo arqueológico: alguns elementos de pedra lascada, fragmentos cerâmicos e «barro de cabana»; nunca se encontraram, por exemplo, restos ósseos ou carvões, concentrações particulares de materiais ou peças intactas. Dada a escassez de artefactos, é verosímil que se tratem de peças infiltradas a partir do nível arqueológico, sendo de destacar apenas a Fossa 1, que incluía 1,099 kg de «barro de cabana» — o que levou inicialmente, aliás, a considerar-se a hipótese de se tratar da infraestrutura de uma cabana (Aubry et al., 1997).

A funcionalidade destas estruturas continua por esclarecer devidamente. Em face dos resultados obtidos em escavação, é possível deduzir provisoriamente que seriam destinadas ao armazenamento ou abandono de restos orgânicos, que não se conservaram. A sua associação a quaisquer estruturas aéreas não pôde ser demonstrada. Um paralelo para estas fossas poderão ser as estruturas recentemente descobertas no sítio do Calcolítico final da Quinta da Assentada (Fornos de Algodres). De acordo com os dados já disponíveis (Valera, s.d.), estas estruturas — que o autor designa por «pequenas valas» — apresentam uma distribuição aleatória e por vezes buracos de poste no seu interior, factos não observados no povoado fozcoense. Numa fase de ocupação subsequente, ainda não datada, terão sido abertas fossas subrectangulares em alinhamentos paralelos e com uma orientação Nordeste-Sudoeste, que evocam fortemente as do Fumo. Também quase não revelaram materiais no seu interior, o que impediu a determinação da sua função.

## 4.3. Lixeira

O único exemplar inserível nesta categoria é uma estrutura escavada no areão de base, significativamente maior que as fossas e com contornos muito irregulares (Fig. 11). Abrange parte dos quadrados C-D/19-20, parecendo, ao que tudo indica, aproveitar uma fossa pré-existente (Fig. 4). Aliás, nesta eventualidade, este facto demonstra o abandono da função original de algumas fossas e o seu reaproveitamento subsequente.

A designação adoptada para esta estrutura resulta das seguintes observações:

1. o seu preenchimento (sedimentos negros, de aspecto mais gorduroso) é distinto do das camadas envolventes;
2. os materiais arqueológicos apresentam-se relativamente bem conservados, por vezes ainda em conexão;
3. os sedimentos apresentam a percentagem de matéria orgânica mais elevada de todas as camadas conservadas no povoado (Quadro 1).



Fig. 11 Foto de pormenor da lixeira, depois de escavado o seu conteúdo.

Na lixeira recuperou-se um elevado número de fragmentos cerâmicos (recipientes, colheres), «barro de revestimento» (cerca de 1,5 kg), duas das oito lascas de sílex e/ou opala recolhidas em toda a escavação e restos ósseos de *Bos taurus* e *Ovis* e/ou *Capra*.

#### 4.4. Lareira

A lareira foi identificada pela coloração enegrecida dos sedimentos, nos quais se encontravam pequeníssimos fragmentos de carvão, e por meia dúzia de blocos de granito e quartzo delimitando um perímetro oval. Trata-se, portanto, de uma pequena área de combustão mal estruturada, com um diâmetro máximo de cerca de 1 m (Fig. 4). A esta estrutura estão claramente associados cacos e ossos calcinados de *Ovis* e/ou *Capra* e de *Cervus elaphus*.

#### 4.5. Lareira em fossa

Trata-se de uma estrutura localizada em S11 escavada no areão de base até uma profundidade de 40 cm, apresentando planta circular e perfil aproximadamente troncocónico, com 85-90 cm de diâmetro junto ao topo e perto de 50 cm na base. O seu preenchimento era de terras enegrecidas, seguramente por ação de fogo, termoclastos de granito e quartzo, e um grande percutor-bigorna sobre seixo de quartzito também com sinais de exposição ao fogo. No topo desta estrutura encontrava-se uma concentração de cerâmica lisa, parte da qual também calcinada.

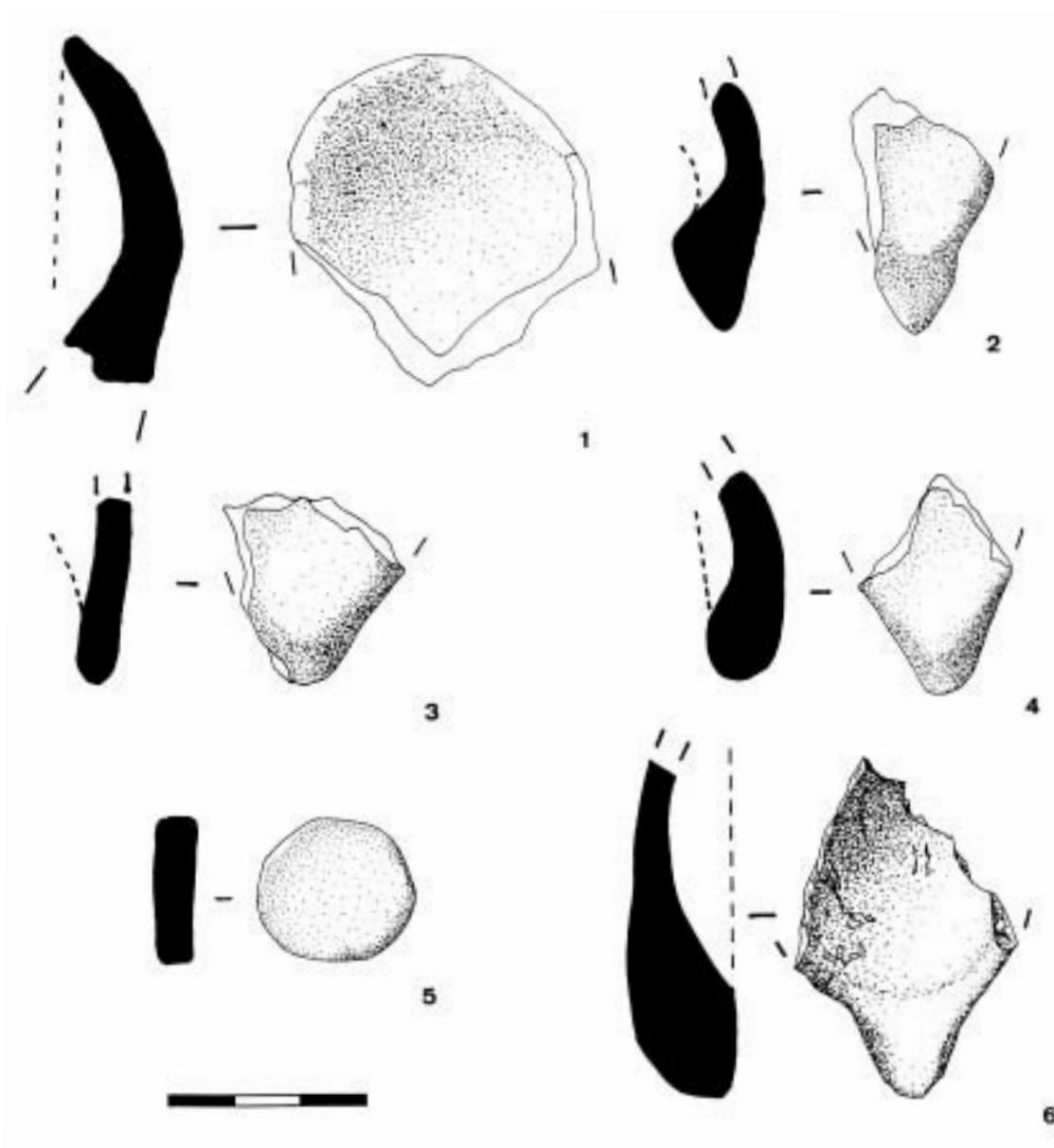


Fig. 12 Cerâmica. Colheres e disco (escala em cm).

## 5. Componentes artefactuais

### 5.1. Cerâmica

#### 5.1.1. Diversos

Na camada 2 de S1 recolheu-se um disco com 2,41 cm de diâmetro máximo e 0,67 cm de espessura (Fig. 12, n.º 5). Foi obtido a partir de um caco, o qual foi polido ao longo do bordo até se obter uma silhueta circular. A sua função desconhece-se por ora. Os poucos achados do mesmo tipo até agora registados no actual território português cingem-se ao Calcolítico do Sudoeste, tendo vindo a ser interpretados, talvez demasiado apressadamente, como elementos de jogo.

As colheres em cerâmica estão presentes num número mínimo de oito exemplares (Fig. 12). Estes objectos apresentam uma morfologia relativamente variável, embora, em regra, apresentem cabos curtos e uma concha de contorno oval, com dimensões entre os 3 e os 6 cm de comprimento máximo. Não foi recolhido, no entanto, qualquer exemplar intacto.

Os pesos de tear são muito raros neste sítio. O inventário desta classe artefactual do Fumo resume-se ao achado de cinco exemplares, todos fragmentados: um à superfície, junto à Sondagem Poente, e dois na escavação desta sondagem; os restantes dois foram recolhidos no quadrado K37. Tipologicamente, estes pesos de tear são paralelepípedicos, deduzindo-se que teriam duas perfurações em cada topo. Dadas as boas condições de conservação do sítio e o afastamento entre os dois locais onde se efectuaram os achados, é possível que a sua localização corresponda a áreas de tecelagem.

### 5.1.2. Recipientes

Os contentores cerâmicos do Fumo formam um conjunto de 14.330 fragmentos (Quadro 2), aos quais se adiciona ainda um vaso intacto (Fig. 13). Na camada 2, recuperou-se cerca de 60% do material cerâmico e, devido às condições de preservação favoráveis, é formado por peças maiores e menos roladas que as da camada lavrada. Salvo casos excepcionais — por exemplo, quando os fragmentos haviam sido encontrados em conexão, como é o caso do vaso recuperado na lixeira, representado na Fig. 14 —, os ensaios de remontagem resultaram quase sempre infrutíferos dadas as características muito homogéneas das pastas e tratamentos de superfície das cerâmicas. Para a análise tipológica das formas e da sua variação relativa, elegeram-se como critérios: (1) a contagem dos fragmentos de bordos que permitiam, pelo menos, a determinação do respectivo diâmetro; (2) que esses fragmentos aparentassem pertencer a recipientes distintos; e que (3) os fragmentos fossem provenientes apenas da camada 2. Assim, foi possível chegar a um número de 127 vasos provenientes da camada *in situ* (incluindo o vaso completo). Para efeitos de comparação com os resultados obtidos nos contextos neo-calcolíticos do PAVC, classificaram-se aqueles vasos em função da listagem tipológica utilizada anteriormente (Carvalho, 2003), com algumas adaptações pontuais (Fig. 15).

Quadro 2. Inventário geral das cerâmicas provenientes de escavação (a)

	<b>Bordos lisos</b>	<b>Bordos decorados</b>	<b>Bojos lisos</b>	<b>Bojos decorados</b>	<b>Bases planas</b>	<b>Mamilos</b>	<b>Cordões</b>	<b>Asas</b>	<b>Carenas</b>	<b>Total</b>
<b>Sondagem Poente</b>	56		960	9	1					1026
<b>Sector Nascente</b>	470	22	8949	82	7	13	8	10		9561
<b>Vala de Sondagem</b>	198 (b)	16 (c)	2774	43	3	9	2	11	2	3059
<b>Lixeira</b>	32		352	4						388
<b>Lareira em fossa</b>	1	2	36	1						40
<b>Fossa 1</b>	2		27	1			1	1		32
<b>Fossa 2</b>	5		56							61
<b>Fossa 3</b>	3		50	2	1					56
<b>Fossa 4</b>		1	27							28
<b>Fossa 5</b>	2		33							35
<b>Fossa 6</b>	1		12							13
<b>Fossa 7</b>	1		8							9
<b>Fossa 8</b>	1		4							5
<b>Fossa 9</b>		1	16							17
<b>TOTAL</b>	772	42	13304	142	12	22	11	22	2	14330

(a) Não estão incluídos neste inventário: um vaso intacto, um disco e fragmentos de colheres e de pesos de tear.

(b) Inclui 4 bordos com cordões e 1 bordo com mamilo.

(c) Inclui 1 bordo com cordão.

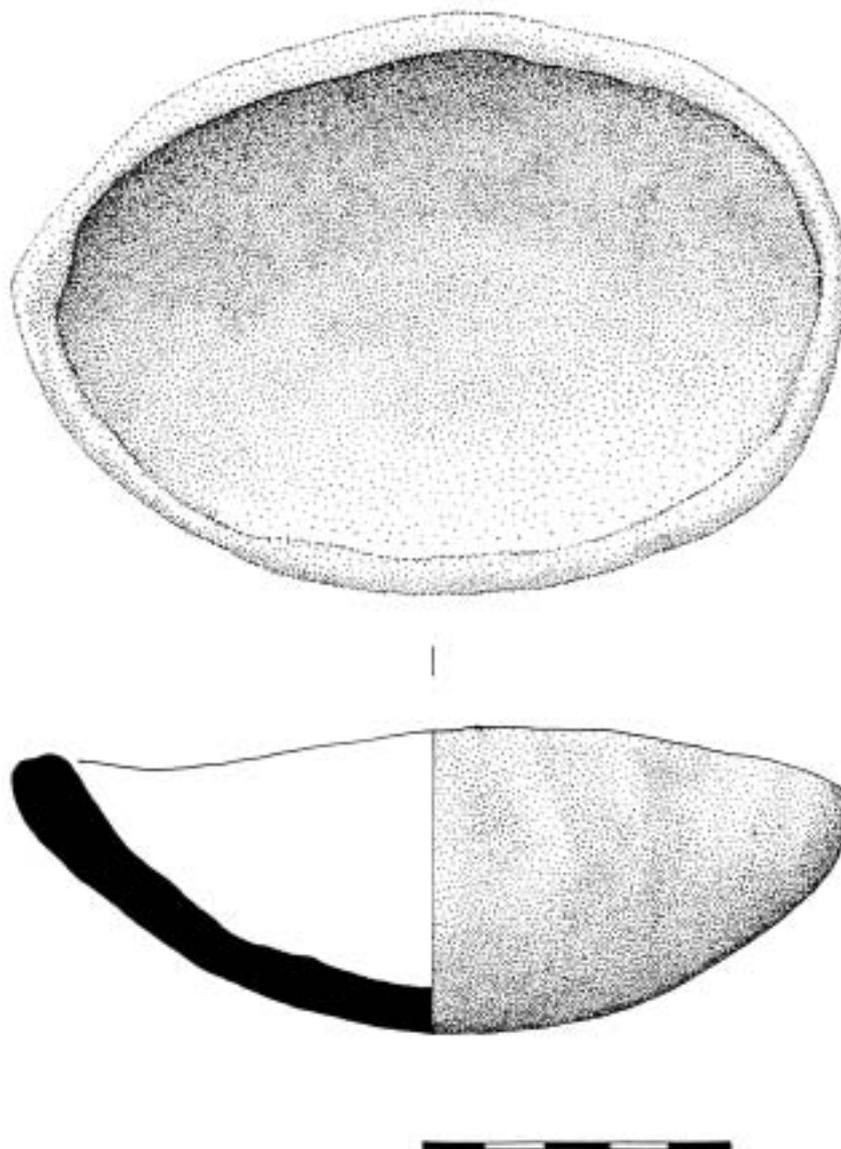


Fig. 13 Cerâmica. Vaso intacto (escala em cm).

A distribuição assim realizada sobre os 127 vasos do Fumo resultou no seguinte ordenamento tipológico elementar (Fig. 16): taças e tigelas: 72 exemplares (57% do total); globulares: 30 (23%); potes de paredes rectas: 12 (9%); vasos troncocónicos: 7 (6%); esféricos: 5 (4%); e pratos: 1 (1%). Refira-se que qualquer um destes tipos é composto por peças com diferenças muito assinaláveis no que respeita às suas dimensões, o que se deverá a diferentes funções atribuídas a recipientes com a mesma morfologia genérica, mas com capacidades distintas. Por outro lado, a reunião de taças e tigelas no mesmo conjunto resulta da impossibilidade frequente de dissociação entre estes dois tipos; com efeito, deste grupo, apenas foi possível determinar com segurança a presença de 17 tigelas (13% do total dos recipientes) e 3 taças (2%), sendo indeterminada a tipologia específica dos restantes 52 exemplares. Do mesmo modo, os globulares podem classificar-

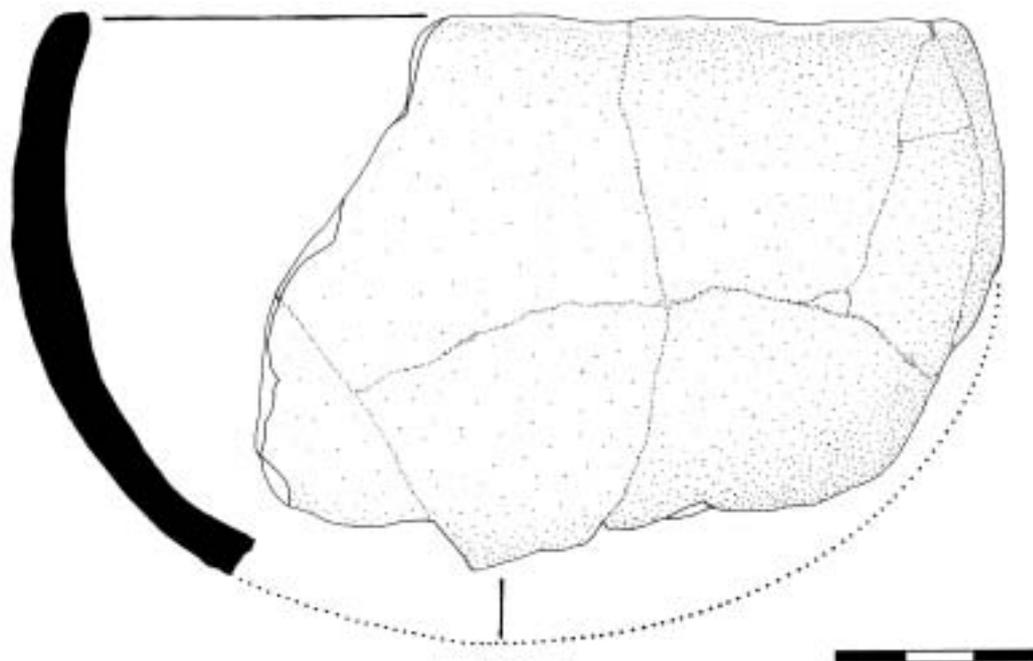


Fig. 14 Cerâmica. Vaso remontado a partir de fragmentos recolhidos na lixeira (escala em cm).

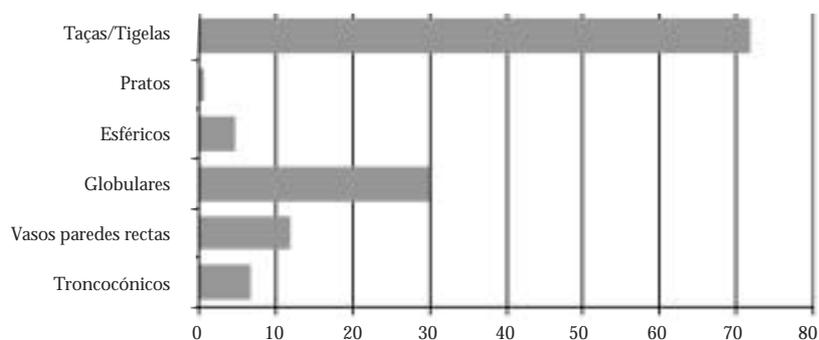


Fig. 15 Tipologias cerâmicas do Neolítico final, Calcolítico e Bronze pleno do PAVC: frequências relativas (Tourão da Ramila: N=14; Quinta da Torrinha: N=10; Barrocal Tenreiro: N=16; Castelo de Algodres: N=10; Fumo: N=127).

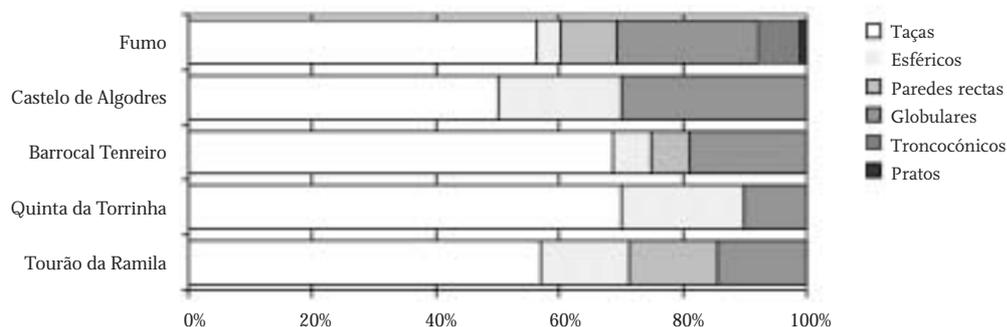


Fig. 16 Cerâmica. Gráfico de frequências de tipos morfológicos.

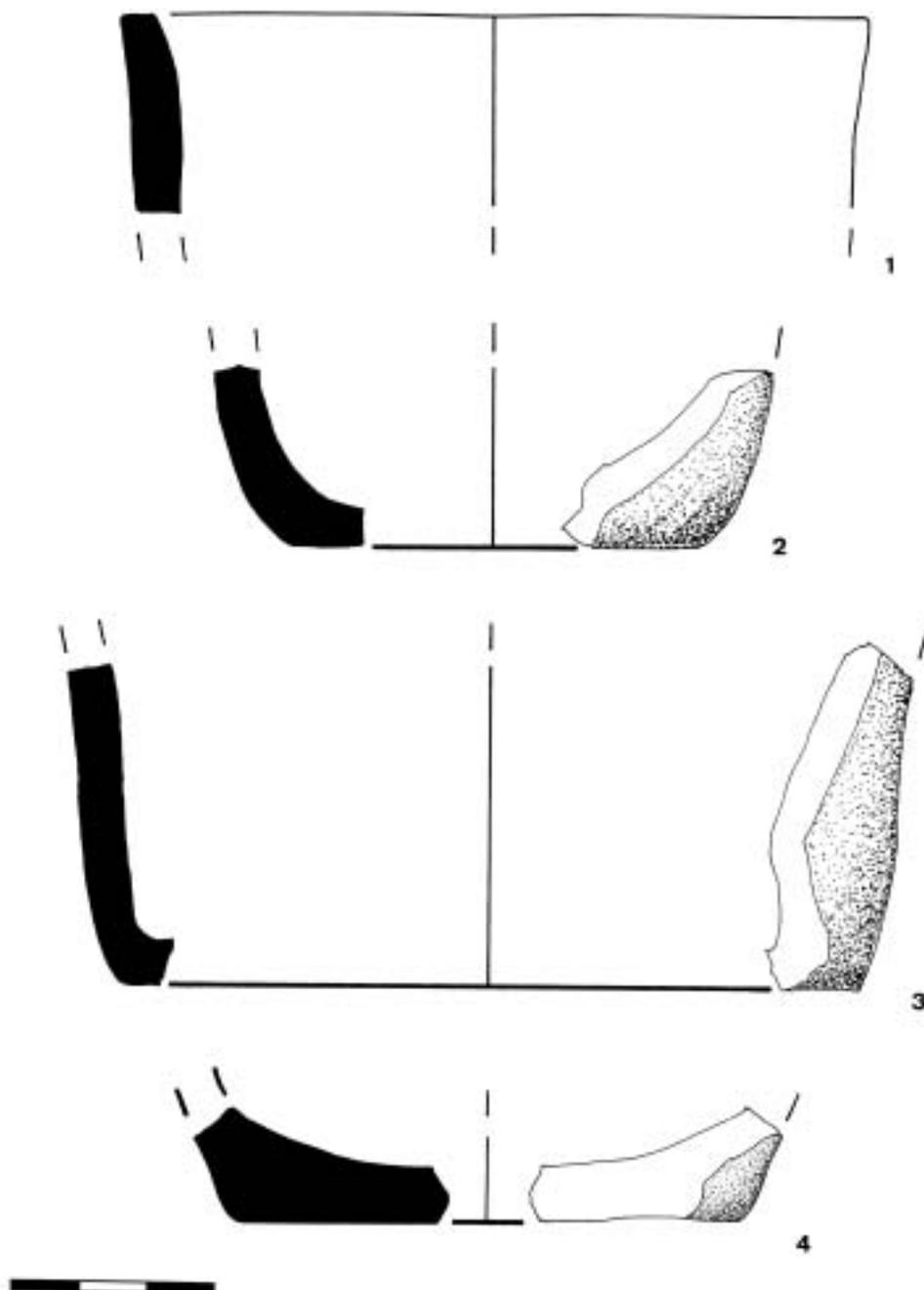


Fig. 17 Cerâmica. Fragmentos de vasos troncocónicos (escala em cm).

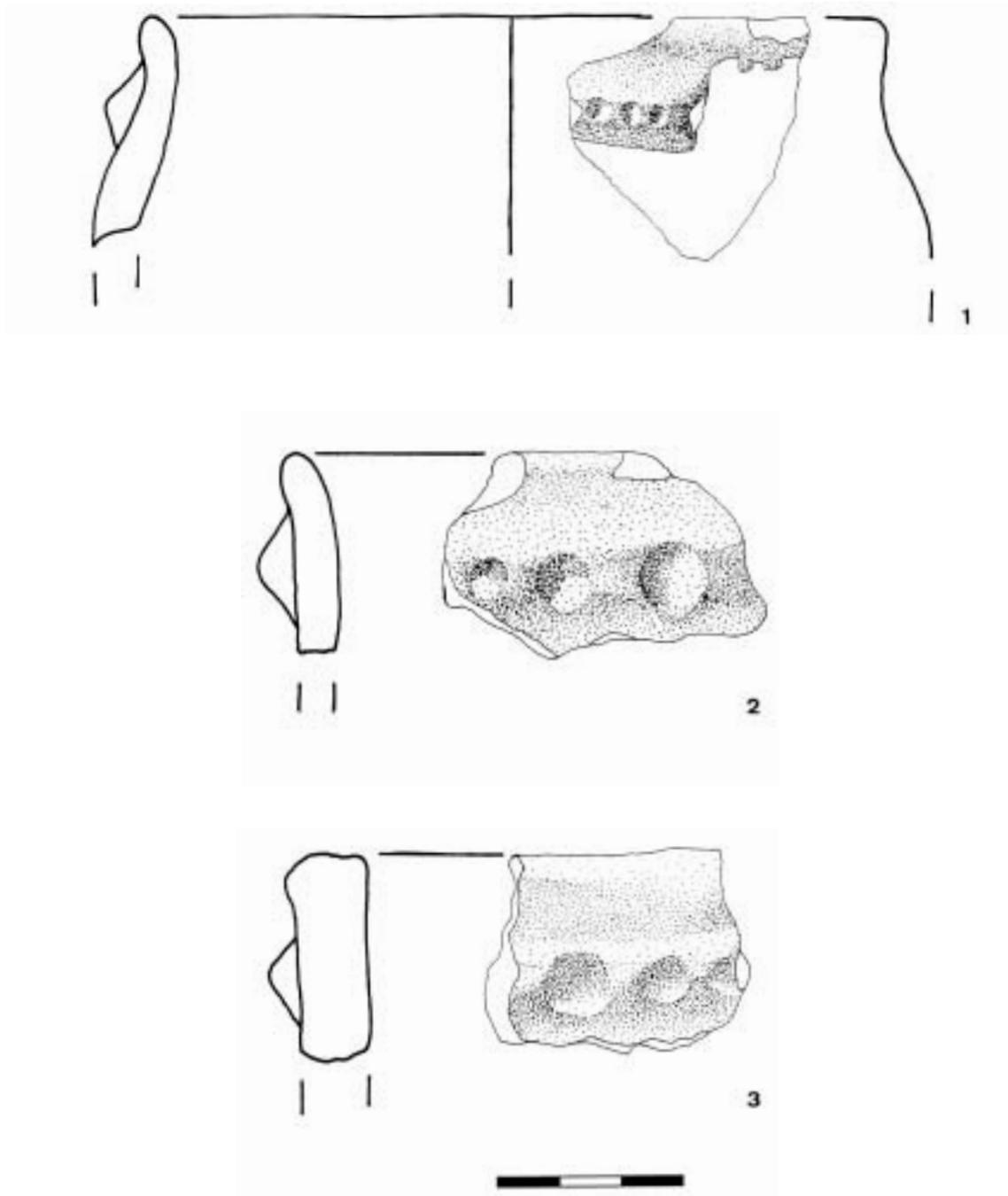


Fig. 18 Cerâmica. Fragmentos de vasos com cordões segmentados (escala em cm).

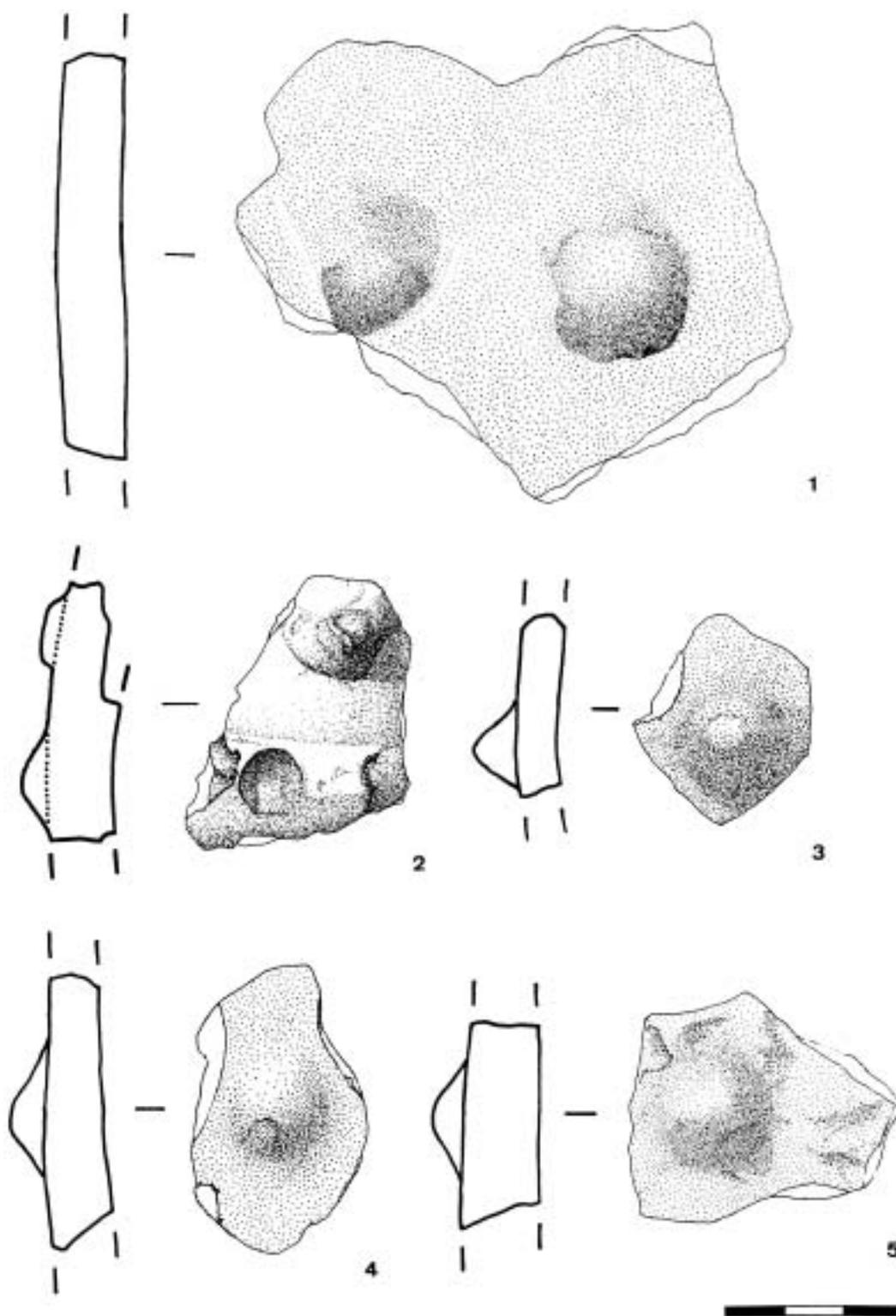


Fig. 19 Cerâmica. Fragmentos de bojos com mamilos; a peça sob o n.º 2 apresenta ainda parte de um cordão segmentado (escala em cm).

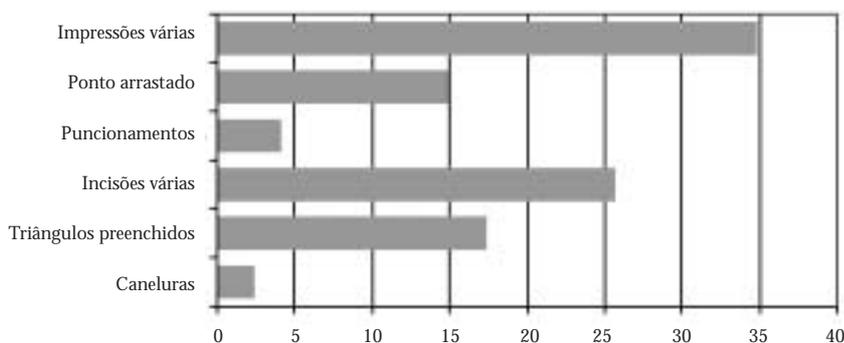


Fig. 20 Cerâmica. Gráfico de frequências de tipos decorativos.

-se em peças com ou sem colo, perfazendo os primeiros 21 exemplares (17% do total dos recipientes) e os últimos 9 exemplares (7%).

No que respeita ainda aos aspectos formais da cerâmica do Fumo, assinala-se a presença, muito vestigial, de peças carenadas (Quadro 2). Infelizmente, não foi possível associar os fragmentos de carenas a qualquer fragmento de bordo que permitisse a determinação da forma original dos vasos. A mesma situação ocorre com os 12 fragmentos de bases planas, a maioria das quais verosimilmente pertencentes a vasos troncocónicos invertidos (Fig. 17).

Os elementos em relevo ou de prensão — mamilos, cordões segmentados por impressões e/ou puncionamentos, asas de rolo de secção transversal arredondada, ilustrados nas Figs. 18 e 19 — não se puderam associar a qualquer tipo morfológico específico, embora pelo menos alguns deles (por exemplo, as asas) deva ter feito parte dos recipientes troncocónicos.

O vaso encontrado intacto no quadrado D20 (NW), ao nível da camada 2 (Fig. 13), é uma taça de boca oval, com bordo muito irregular, cuja forma geral indica poder tratar-se de um recipiente para beber. Foi moldado a partir de uma bola de argila, sendo hoje ainda perfeitamente visíveis as marcas dos dedos do oleiro. A abertura mede 13,5 cm no eixo maior e 9,7 cm no eixo menor (medidas a partir do exterior do bordo), tendo uma profundidade de 3,9 cm.

O índice de decoração das cerâmicas do Fumo é de apenas 1,3%, se contabilizada a totalidade dos fragmentos; se contabilizados somente os recipientes individualizados, o mesmo índice resulta em 5,2%, o que, ainda assim, é um valor baixo. As decorações apresentam, todavia, uma variedade relativamente elevada de técnicas e motivos decorativos (Figs. 21-24), cujo inventário simplificado se apresenta na Fig. 20. Aqui verifica-se que a técnica mais comum é a impressão, com 35% do total dos fragmentos decorados, formando, tanto quanto foi possível determinar, bandas de impressões circulares dispostas na horizontal, no terço superior dos vasos (Fig. 21, n.º 2; Fig. 22, n.º 2; Fig. 24, n.º 7). Por vezes, alguns fragmentos impressos têm aplicação de pasta branca. As incisões perfazem 26% do total dos fragmentos, sendo este grupo formado principalmente por traços e linhas organizadas em bandas paralelas ao bordo (Fig. 22, n.º 1) ou em temas espinhados (Fig. 21, n.ºs 1 e 5; Fig. 22, n.ºs 5-6). Um dos tipos decorativos mais comuns no Fumo são os triângulos incisos preenchidos com recurso a algumas das restantes técnicas decorativas que ocorrem isoladas (pequenas impressões, puncionamentos, pente arrastado) (Fig. 22, n.º 4; Fig. 23, n.ºs 1, 3-4 e 5). As decorações através de pente arrastado são uma categoria bastante bem representada, com 15% do total dos fragmentos. Esta decoração organiza-se, tal como no caso das impressões e incisões, em fiadas paralelas entre si e em relação ao bordo do recipiente (Fig. 21, n.º 4; Fig. 22, n.º 3).

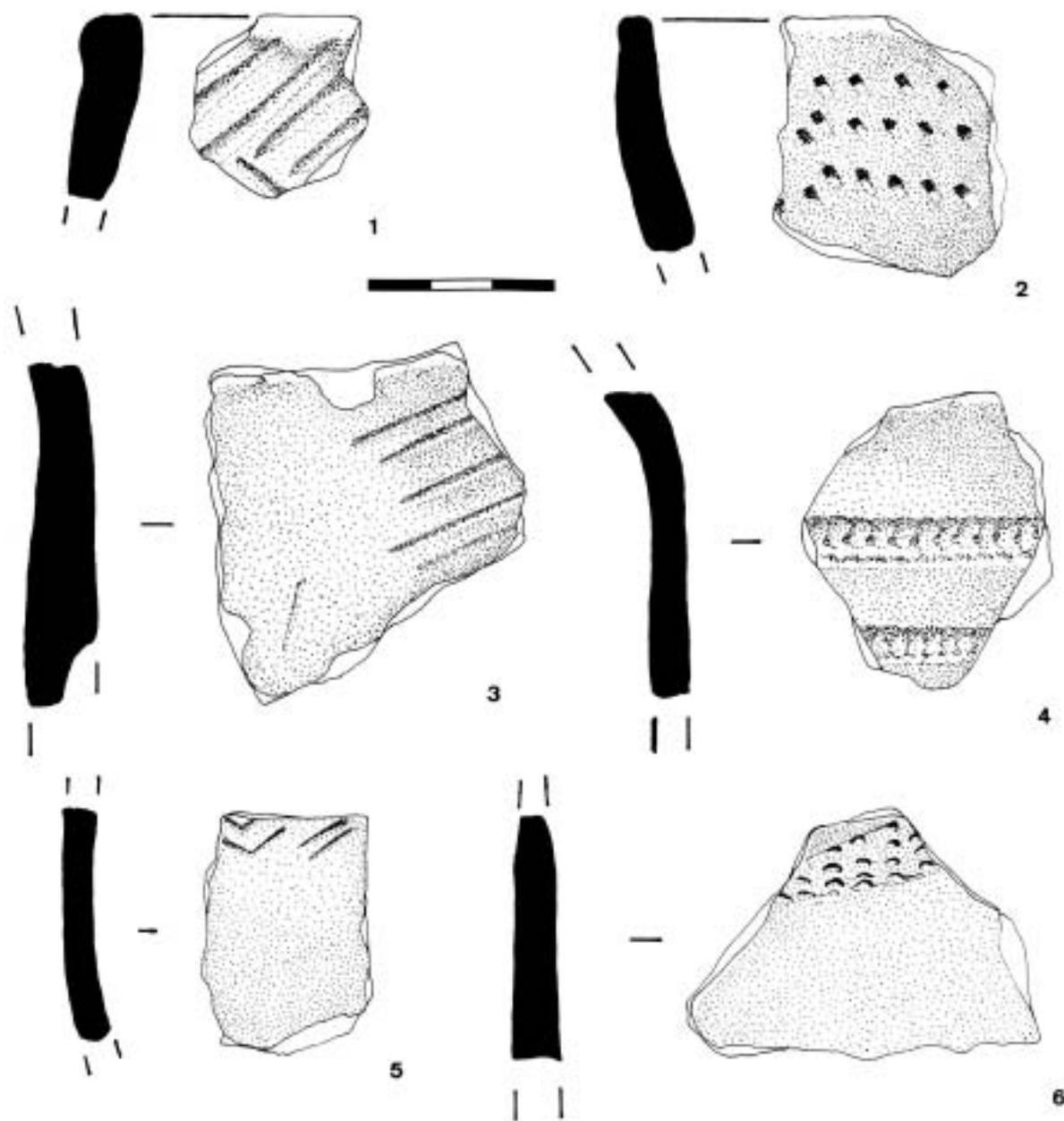


Fig. 21 Cerâmica. Fragmentos com decoração (escala em cm).

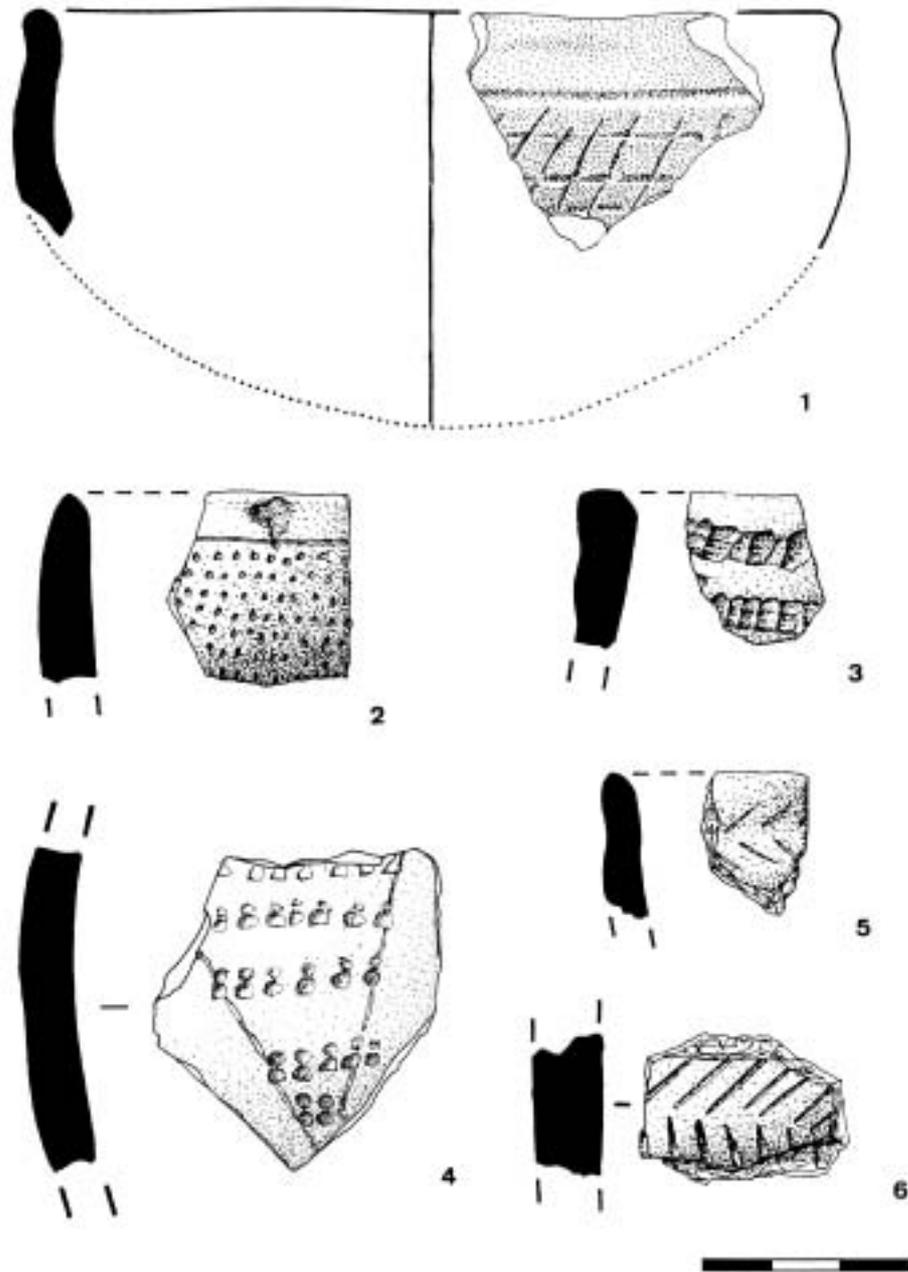


Fig. 22 Cerâmica. Fragmentos com decoração (escala em cm).

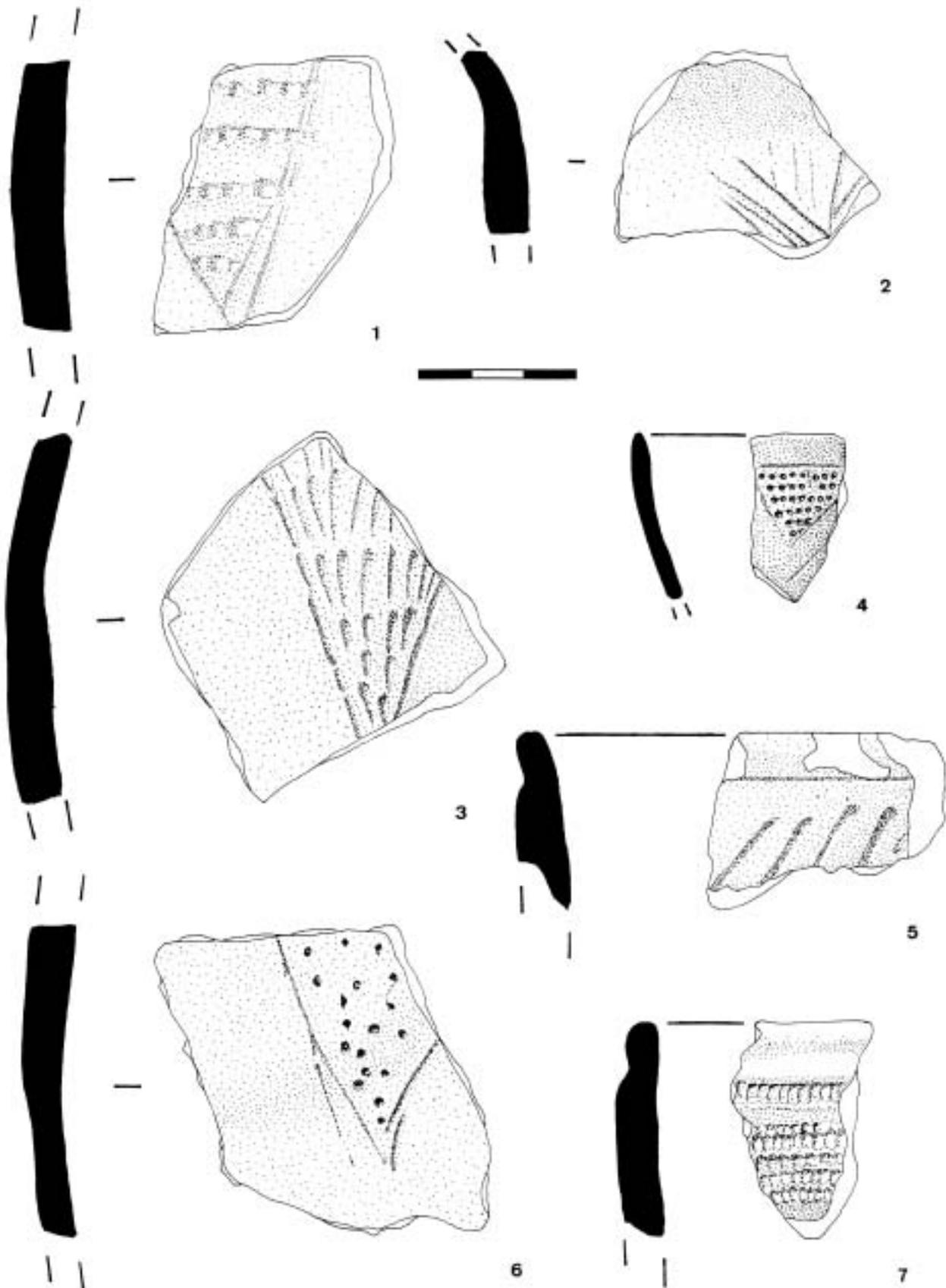


Fig. 23 Cerâmica. Fragmentos com decoração (escala em cm).

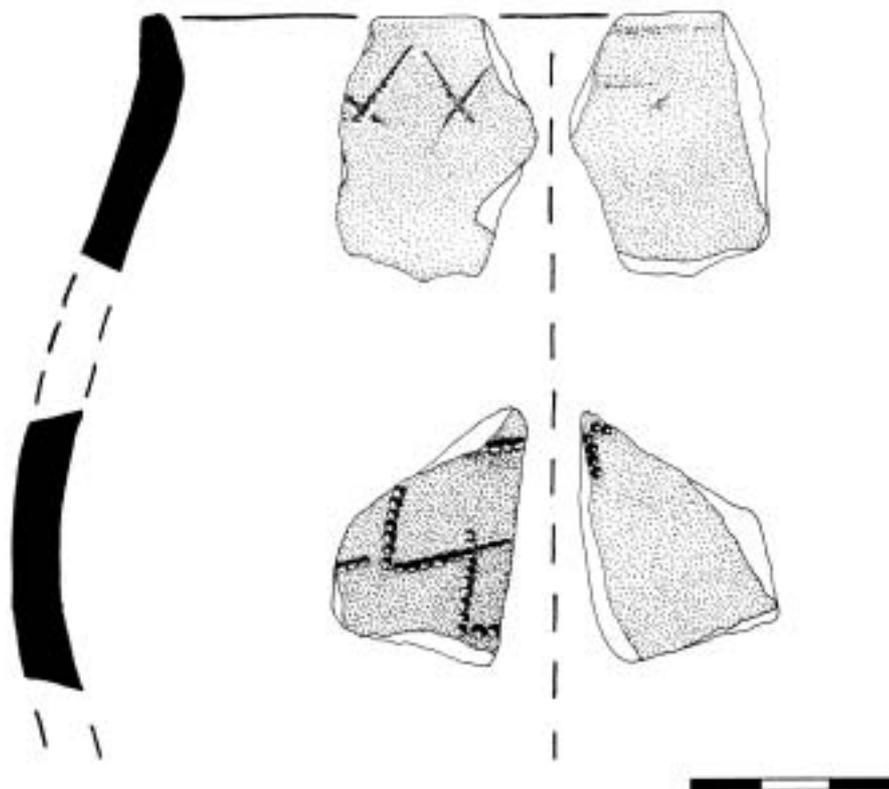


Fig. 24 Cerâmica. Reconstituição de um vaso de tipo «Cogeces» (escala em cm).

## 5.2. Pedra polida e lascada

O inventário dos materiais em pedra encontra-se discriminado no Quadro 3. Nele estão incluídos materiais talhados, termoclastos (em quartzo e quartzito), e material picotado por utilização (percutores e bigornas). O achado, já anteriormente referido (Aubry et al., 1997, p. 198), de um possível pequeno recipiente em granito, de paredes muito irregulares, continua a ser um caso isolado.

Os materiais em pedra polida são muito escassos. Recolheram-se somente três fragmentos de machados e uma lasca interna de outro. Porém, a existência de duas lascas de rocha anfibólica (Quadro 3) pode indicar tarefas de reavivamento ou de fabrico deste tipo de utensílios. Os instrumentos de moagem em pedra polida, não incluídos no referido quadro, estão, por seu lado, mais bem representados, pois nos muros que existem no local foi possível identificar vários dormentes e em escavação exumaram-se três moventes, todos em granito (um na parte Nascente do sítio, dois nas sondagens S1 a S13).

A pedra lascada é o conjunto mais numeroso dos materiais em pedra (Quadro 3). O volume de rochas usadas no talhe é claramente favorável ao quartzo, com 49% do peso total. Note-se que o quartzito, embora atinja 46%, não foi, por regra, objecto de talhe, uma vez que se tratam sobretudo de fragmentos de seixo e termoclastos. Com muito menor expressão encontram-se outras rochas, como a riolite (1,7%) – a qual está, ainda assim, presente através de duas variedades cromáticas (verde e creme) –, o xisto (0,9%), o cristal de rocha (0,7%), a anfibolite (0,7%), e rochas indeterminadas (0,1%). As rochas siliciosas (sílex e/ou opala) estão representadas apenas por 8 pequenas lascas e esquirolas (0,1%), o que dificulta inclusivamente uma distinção litológica entre ambas.

Quadro 3. Inventário da indústria de pedra									
	<i>Sílex / Opala</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Cristal de rocha</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Riolite</i>	<i>Xisto</i>	<i>Rocha anfíbólica</i>	<i>Rocha indeterm.</i>	<b>TOTAL</b>
<b>MATERIAL DEBITADO</b>									
<i>Lascas corticais</i>		16			2				18
<i>Lasc. parcialm. corticais</i>		68		11	2				81
<i>Lascas não corticais</i>	5	919	15	18	38		2	2	999
<i>Lâminas</i>		<b>1</b>							<b>1</b>
<i>Lamelas</i>		8	2						10
<b>UTENSÍLIOS RETOCADOS</b>									
<i>Lascas retocadas</i>	1	12			1				14
<i>Lascas com entalhes</i>		13							13
<i>Lascas retoque bifacial</i>		1							1
<i>Pontas de seta</i>		2							2
<i>Raspadeira s/ lasca</i>		1							1
<i>Denticulados s/ lasca</i>		2							2
<i>«Alabarda» (?)</i>				1					1
<i>Outros</i>		1 (a)				1 (b)			2
<b>NÚCLEOS</b>									
<i>Prismáticos</i>		2							2
<i>Bipolares</i>		5							5
<i>Discóides</i>		1							1
<i>Informes</i>		1							1
<i>Seixos talhados</i>				2					2
<i>S/ fragmentos</i>		7							7
<i>S/ lasca</i>		4							4
<i>S/ cristal de rocha</i>			1						1
<b>MATERIAL RESIDUAL</b>									
<i>Esquírolas</i>	2	767	14	3				1	787
<i>Fragmentos</i>		32	1	19	1	1			54
<b>DIVERSOS</b>									
<i>Termoclastos</i>		38		4					42
<i>Cristais (brutos e fragm.)</i>			3					3	
<i>Seixos (brutos e fragm.)</i>		12		14	1	6	1	3	37
<i>Percutores</i>		3 (c)		1 (c)					4
<i>Frentes de percutor</i>		2		2					4
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>1918</b>	<b>36</b>	<b>75</b>	<b>45</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>2099</b>
<b>PESO TOTAL (g)</b>	<b>8</b>	<b>7126</b>	<b>53</b>	<b>6675</b>	<b>253</b>	<b>108</b>	<b>133</b>	<b>82</b>	<b>14438</b>

(a) Fragmento anguloso retocado num gume.

(b) Fragmento longitudinal de seixo retocado.

(c) Inclui 1 percutor-bigorna.

Na tipologia dos núcleos de quartzo predominam as peças sobre fragmentos irregulares (Quadro 3), o que indica que as fontes de abastecimento exploradas eram os próprios filões ou os blocos resultantes do seu desmantelamento. A debitage faz-se de modo expedito: por regra, os núcleos nunca mereceram tarefas de configuração e o objectivo da debitage foi a obtenção de uma indústria de lascas sem preocupações de normalização. As lamelas detêm uma posição verdadeiramente marginal, pois representam apenas 0,8% do total do material de debitage em quartzo, ainda que possam ser o resultado de processos de debitage próprios (talhe de núcleos bipolares, por exemplo) e não ocorrências ocasionais no decurso da referida produção de lascas.

Em resultado deste panorama, a maioria dos utensílios é de tipologia muito inespecífica, sendo mais comuns as lascas com retoques marginais ou com entalhes. A única excepção são duas pontas de seta sobre lasca, com retoque invasor (Fig. 25, n.ºs 1-2). Entre os artefactos líticos, há a assinalar, pelo seu ineditismo, a recolha de uma peça de tipo foliáceo, com retoque plano bifacial,

obtida a partir de um seixo comprido e achatado de quartzito. Na ausência de melhores paralelos, pode ser designada provisoriamente como «alabarda», ainda que as diferenças em relação às suas congéneres em sílex sejam óbvias (Fig. 26).

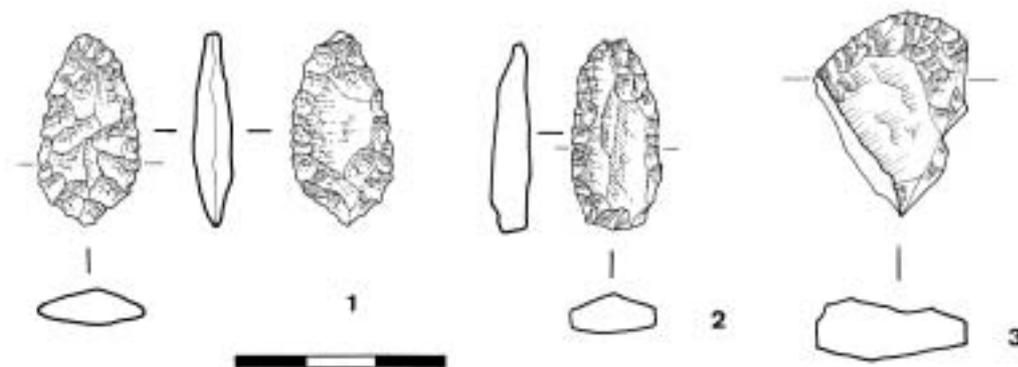


Fig. 25 Pedra lascada. Materiais em quartzito: 1 e 2: pontas de seta; 3: raspadeira (escala em cm).

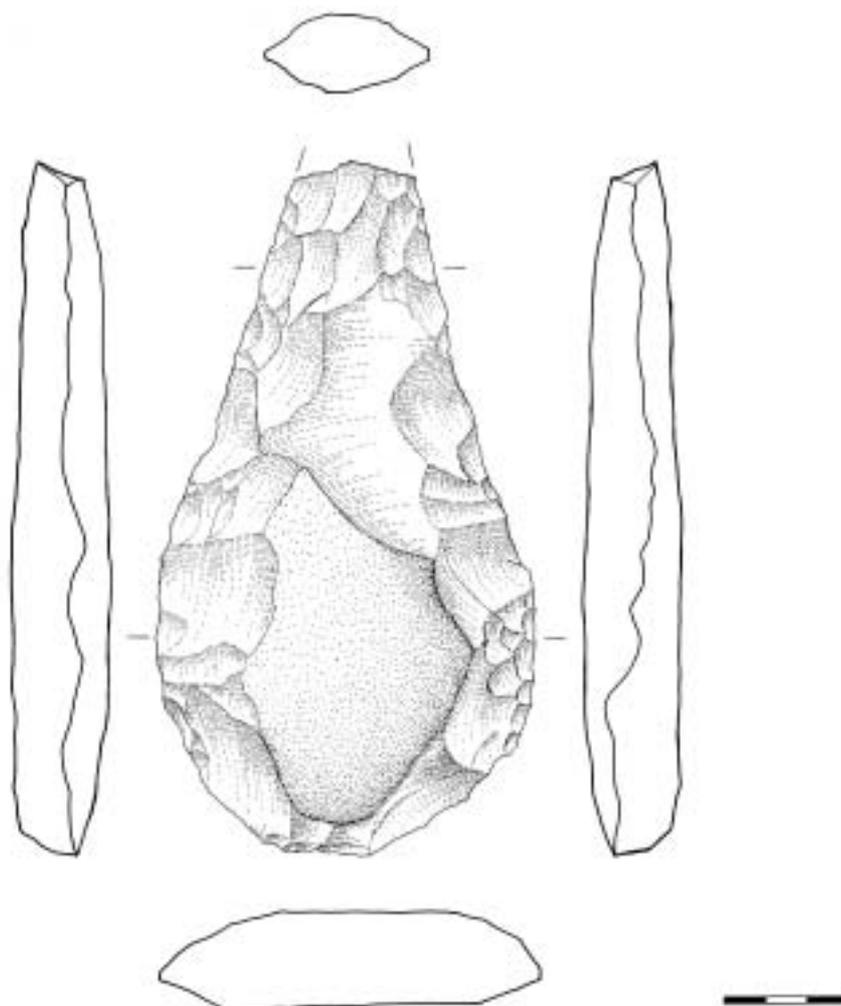


Fig. 26 Pedra lascada. «Alabarda» em quartzito (escala em cm).

### 5.3. *Objecto de adorno*

Trata-se uma pequena peça em xisto cinzento-claro, muito delgada e de forma grosseiramente arredondada, apresentando uma perfuração central, talvez para suspensão. Mede 2,51 cm de diâmetro máximo e 0,37 cm de espessura. A sua funcionalidade não pode ser determinada com exactidão, ainda que aparentemente se possa tratar de um objecto de adorno. Saliente-se, neste sentido, o facto de ter sido fabricada em xisto de origem alóctone, uma vez que o xisto disponível nas imediações tem colorações acastanhadas.

### 5.4. «Barro de revestimento»

Este material, muito abundante, é usualmente interpretado como restos de estruturas aéreas ou de pisos de cabanas. Trata-se de bocados informes de argila misturada com areia e areão e consolidada por exposição prolongada ao ar livre ou talvez ainda, em certos casos, por acção do fogo. Apresentam normalmente negativos de ramagens entrançadas, muitas vezes com diâmetros superiores a 3 cm. O material recolhido nas várias campanhas de escavação totaliza 24,706 kg, se bem que apenas uma pequena parte (1,784 kg) seja proveniente das sondagens S1 a S13, facto que pode significar que a maior inclinação do terreno neste sector do povoado tenha de algum modo condicionado a erecção de estruturas habitacionais.

### 5.5. *Metal*

Em contexto conservado (quadrado K36, camada 2) foi apenas recuperado um fragmento de artefacto em metal indeterminado, informe e de muito reduzidas dimensões, com um peso de 3,5 g.

### 5.6. *Ecofactos*

Na escavação do Fumo foi possível recolher, em contexto conservado, um pequeno conjunto de carvões e alguns restos faunísticos. Trata-se, de um modo geral, de peças muito fragmentárias, ainda que o material dentário se encontre por vezes bem conservado, tal como ilustrado pelos restos de uma hemimandíbula de bovino encontrada ainda em conexão (Fig. 27). A análise arqueozoológica dos restos faunísticos foi levada a cabo por Valente (neste volume). Por seu lado, a determinação das espécies vegetais presentes e as considerações decorrentes desses resultados foram realizadas por Queirós e Leuwaarden (2003), conjuntamente com a antracologia dos sítios calcolíticos do PAVC.



Fig. 27 Hemimandíbula de bovino no momento da sua escavação.

## 6. Atribuição crono-cultural

As sondagens que tiveram lugar no povoado do Fumo em 1996 revelaram um conjunto cerâmico cujos tipos decorativos mais significativos (triângulos preenchidos, espinhas incisadas) apontavam para os inícios do III milénio cal BC (Aubry et al., 1997), tendo em conta os paralelos tipológicos constituídos pelos inventários cerâmicos dos povoados do Calcolítico inicial de Barrocal Alto e Cunho, em Mogadouro (Sanches, 1992), e do Castro de Santiago, em Fornos de Algodres (Valera, 1997). Esta primeira conclusão foi repetida noutras ocasiões (Carvalho, 1998, 1999). Contudo, durante as escavações subsequentes, através das quais se ampliou a amostra artefactual, surgiram materiais cerâmicos raros ou mesmo inexistentes naquela fase do Calcolítico (bases planas, carenas, cordões plásticos, mamilos), mas comuns no que a generalidade dos autores considera a primeira Idade do Bronze ou o Bronze pleno (cf. Senna-Martínez, 2002).

Para aferição da cronologia da ocupação do Fumo, em Junho de 1997 foram enviadas para datação no *Centre de Faibles Radioactivités* (Gif-sur-Yvette, França) três amostras de ossos, ao abrigo do protocolo estabelecido com aquele laboratório (Mercier et al., 2001). Todavia, até à data ainda só foram comunicados dois resultados:

- *Amostra 1*: vértebra de *Bos taurus* e fragmentos de ossos longos indeterminados provenientes da Lixeira. Datação: GifA-99077 - 3560±70 BP (calibração a 2 *sigma*: 2129-1693 cal BC).
- *Amostra 2*: calcâneo de *Ovis* ou *Capra* recolhido no quadrado E21(NW). Datação ainda não conhecida.
- *Amostra 3*: fragmentos de tíbia de *Ovis* e/ou *Capra* e de *Cervus elaphus* recolhidos no quadrado E20(NW), no rebordo Sul da lareira e claramente associados a esta (apresentavam sinais de exposição ao fogo). Datação: GifA-99076 - 3580±70 BP (calibração a 2 *sigma*: 2135-1743 cal BC).

A confrontação dos dois resultados conhecidos indica que a camada 2 do povoado do Fumo encerra vestígios de uma ocupação atribuível à transição III/II milénios cal BC (Quadro 4), ou seja, ao início da Idade do Bronze. Esta confirmação do reposicionamento cronológico do povoado fá-lo contemporâneo de outros sítios onde está também atestada a existência de composições cerâmicas semelhantes às do Fumo, como a Malhada e a Fraga da Pena, em Fornos de Algodres (Senna-Martínez, 2000; Valera 2000), sendo o paralelo geograficamente mais próximo do Fumo, todavia, a camada 2 do Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, 1993, 1995, 1998b) (Fig. 28). Os diversos estudos sobre a cerâmica pré-histórica deste sítio (principalmente, Botelho, 1997) apontam a existência de transformações significativas na passagem do Calcolítico para a Idade do Bronze, as quais coincidem de um modo geral com as que se verificam se se confrontar a produção cerâmica do Fumo com a evidenciada pelos povoados calcolíticos da própria área do PAVC (Carvalho, 2003).

Um elemento adicional de corroboração destas transformações ao nível da produção cerâmica é o surgimento no Fumo de cerâmica de tipo «Cogeces», ainda que se deva salientar o seu difícil reconhecimento em fragmentos de reduzidas dimensões (Fig. 24). Tanto quanto se pôde determinar, esta cerâmica apresenta-se em quantidades muito vestigiais, uma vez que os dois fragmentos identificados perfazem apenas cerca de 1% do total dos fragmentos decorados e pertencem a um vaso de morfologia globular decorado com impressões a pente nas superfícies externa (uma fiada de VV) e interna (duas fiadas dispostas em ziguezague) (Fig. 24).

A cerâmica de tipo «Cogeces» também se encontra na última ocupação do Castelo Velho, a qual foi objecto de uma análise detalhada que permitiu a elaboração de uma lista tipológica específica (Pereira, 1999). A comparação do exemplar do Fumo permite concluir que se insere no tipo

morfológico designado por *Tipo 6*; a organização decorativa, por seu lado, não encontra paralelo no Castelo Velho. Outros sítios fozcoenses com cerâmica de tipo «Cogeces» são ainda o Alto de Santa Eufémia, em Freixo de Numão (Coixão, 2000, p. 113-115), e o Castanheiro do Vento, na Horta do Douro (Jorge et al., 2002), sítios para os quais não se dispõe ainda de elementos de comparação.

QUADRO 4. Datações absolutas para contextos habitacionais do Calcolítico final e Bronze pleno do Leste de Trás-os-Montes e Beira Alta					
Contexto	Amostra	Ref. Lab.	Datação BP	cal BC (2 sigma) (a)	Bibliografia
<b>BURACO DA PALA</b>					Sanches (1997)
<b>Nível II</b>	trigo, cevada	ICEN-934	4110±120	2920-2310	
<b>Nível I</b>	fava	ICEN-310	4120±80	2881-2475	
	carvões	ICEN-311	4120±50	2875-2501	
	fava	GrN-19101	3955±25	2559-2351	
	fava, trigo, cevada	ICEN-933	4010±160	2915-2040	
<b>CASTELO VELHO (b)</b>					Jorge e Rubinos (2002)
<b>c. 3</b>	carvões	Sac-1518	4130±80	2885-2493	
	carvões	ICEN-785	4110±60	2877-2495	
	carvões	GrN-23512	4020±100	2875-2290	
	carvões	ICEN-536	3980±120	2875-2145	
	carvões	ICEN-1165	3990±110	2870-2200	
	carvões	CSIC-1706	4073±45	2861-2473	
	carvões	Ua-17647	3945±75	2829-2201	
	carvões	Ua-17648	3850±75	2551-2043	
	carvões	CSIC-1655	3917±34	2471-2293	
	carvões	ICEN-1170	3660±130	2455-1690	
	carvões	ICEN-1164	3520±110	2140-1530	
	carvões	CSIC-1333	3650±28	2135-1925	
	carvões	ICEN-1168	3420±120	2025-1440	
<b>c. 2/3</b>	carvões	CSIC-1713	3302±50	1729-1453	
<b>c. 2</b>	carvões	ICEN-885	3570±100	2200-1640	
	carvões	Sac-1519	3250±50	1681-1415	
	carvões	GrN-23507	3150±45	1519-1317	
<b>FUMO</b>					inéditas
<b>c. 2 (Lareira)</b>	ossos	GifA-99076	3580±70	2135-1743	
<b>c. 2 (Lixeira)</b>	ossos	GifA-99077	3560±70	2129-1693	
<b>MALHADA</b>					Valera (2000)
	carvões	Sac-1454	4030±80	2873-2313	
<b>FRAGA DA PENA</b>					Valera (2000)
	carvões	Sac-1543	3710±60	2287-1925	

(a) Segundo o Groningen Radiocarbon Calibration Program - Cal25 (Stuiver e Van der Plicht, 1998).

(b) Apenas as datações consideradas pelos autores como correspondendo às observações arqueológicas efectuadas durante a escavação do sítio.

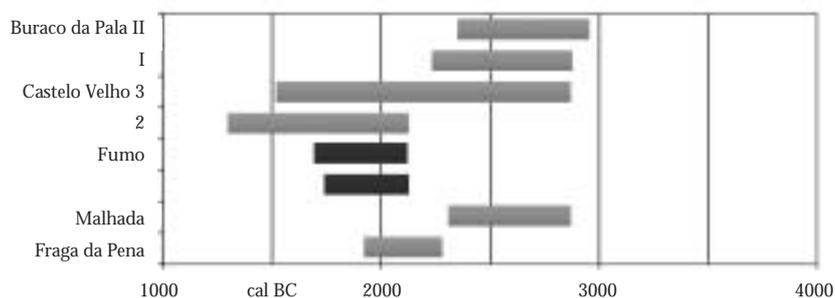


Fig. 28 Representação gráfica das datações absolutas para a transição III - II milénios cal BC da Beira Alta e Leste de Trás-os-Montes (apenas contextos habitacionais; datas calibradas a 2 sigma: níveis I e II do Buraco da Pala (Sanches, 1997); camadas 2 e 3 do Castelo Velho (Jorge e Rubinos, 2002); Malhada e Fraga da Pena (Valera, 2000).

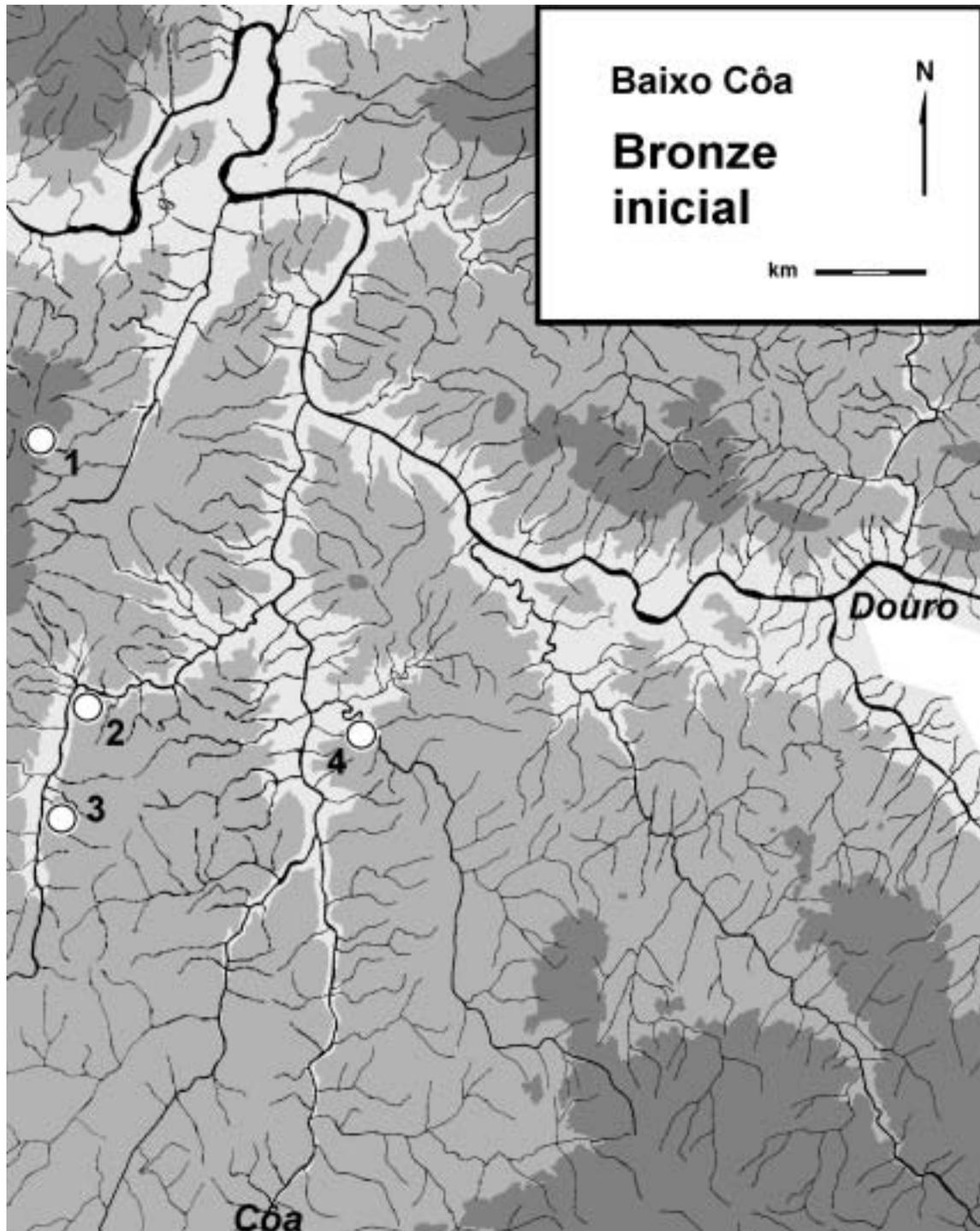


Fig. 29 Bronze pleno do Baixo Côa. 1. Castelo Velho de Freixo de Numão, 2. Tambores, 3. Alto da Lamigueira, 4. Fumo.

## 7. Enquadramento no povoamento regional

Os trabalhos de prospecção do PAVC permitiram identificar e datar do Bronze pleno, através de achados de superfície, outros três contextos, que se descrevem do seguinte modo (Fig. 29)<sup>1</sup>:

### **Tambores (Chãs, Vila Nova de Foz Côa)**

Este povoado foi identificado de forma independente pelo levantamento da *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa* (Coixão, 2000) e pelo levantamento do PAVC (Aubry et al., 1997, p. 99), em acções que, no seu conjunto, reuniram dados importantes para o conhecimento do local, conquanto nunca tenha sido intervencionado em escavação. Este sítio localiza-se a Norte da povoação das Chãs, numa posição sobranceira ao *graben* da Longroiva e ao curso inicial da Ribeira de Piscos. Os materiais recolhidos incluem, para além de pedra lascada e polida, cerâmicas mamiladas e com cordões segmentados. É referido pelo primeiro autor a recolha de um machado em bronze, não sendo no entanto apresentada qualquer descrição mais detalhada. Assinala-se ainda a identificação pelo PAVC de uma laje, em granito, com «covichas» gravadas.

### **Alto da Lamigueira (Longroiva, Mêda)**

Este sítio foi posto a descoberto em 2000 após a abertura de um caminho ao longo da escarpa da depressão da Longroiva, para aceder ao local de um projectado parque de campismo. A gestão desta situação de impacte arqueológico ficou a cargo da Extensão do IPA da Covilhã, tendo o sítio sido visitado pelos seus arqueólogos e por equipas do PAVC. Os materiais recolhidos nos cortes abertos naqueles trabalhos incluem quartzo lascado e cerâmica, a qual totaliza 178 fragmentos, dos quais apenas cinco são decorados (traços incisos e penteados). Trata-se de peças de cozedura redutora, com superfícies bem alisadas, incluindo bojos espessos, bases planas, asas de fita largas e mamilos.

### **Quinta do Campo (Cótimos, Trancoso)**

Não representado na Fig. 29, trata-se de um contexto descoberto em 2000<sup>2</sup> que se implanta na aba de um *tor* granítico cortada por um acesso aberto entre duas vinhas, uma das quais, aliás, plantada sobre um sítio de época romana. Nos cortes desse acesso observaram-se duas camadas sedimentares principais: a basal, de areias acastanhadas, resultantes da desagregação do granito, estéril em termos arqueológicos; a de topo, de cor negra, com materiais arqueológicos de idade pré-histórica. Para além de restos de talhe em quartzo, a ocupação pré-histórica revelou, durante as recolhas de superfície, 88 fragmentos de cerâmica, incluindo peças com cordões segmentados e decorações penteadas.

Estes três sítios têm uma expressão espacial relativamente reduzida. Trata-se de materiais dispersos por áreas inferiores a 50 metros correspondentes a níveis arqueológicos únicos. As únicas excepções neste aspecto são, sintomaticamente, os locais com estruturas pétreas complexas (Castelo Velho e Castanheiro do Vento).

## **8. Conclusões. Paleoconomia e inserção na rede regional de povoamento**

Como se referiu no início do presente texto, a escavação e estudo do povoado do Fumo enquadrou-se nos projectos de investigação promovidos pelo PAVC, tendo, por via desse facto, ocorrido a par de intervenções em contextos neolíticos e calcolíticos. Este conjunto de trabalhos procurou, essencialmente, construir um modelo crono-cultural e paleoeconómico que, num segundo momento, fornecesse o contexto cultural adequado para o entendimento das inúmeras manifestações de arte rupestre da Pré-História recente conhecidas no Vale do Côa. Tendo o povoado do

Fumo sido o único contexto da Idade do Bronze intervencionado pelo PAVC, a informação disponível para o conhecimento do povoamento desta época na região é, deste modo, algo limitada. Os dados proporcionados pela escavação do Fumo e pelos trabalhos de prospecção, conjugados com os que têm vindo a ser divulgados acerca do vizinho Castelo Velho de Freixo de Numão, incluem porém elementos importantes para uma primeira reconstituição da rede local de povoamento e das características de que se revestiu a respectiva economia de subsistência. Com efeito, tanto o Fumo como a ocupação do Bronze pleno do Castelo Velho revelaram conjuntos faunísticos que, considerando as limitações gerais de ordem tafonómica da região, são bastante significativos para o estudo das estratégias de exploração animal neste período — aliás, os dados disponíveis para o Calcolítico regional são quase inexistentes (Carvalho, 2003), pese embora o maior esforço consignado ao estudo desta realidade. Outros vectores de abordagem, como por exemplo a arte rupestre ou as práticas funerárias associadas a este período, terão de aguardar, respectivamente, o reconhecimento de indicadores que permitam atribuições cronológicas finas para a arte esquemática e a identificação dos contextos arqueológicos respectivos.

No que respeita ao tipo de implantação, o povoado do Fumo, encaixado numa estreita depressão, com acessos difíceis e pouco visível na paisagem, testemunha um povoamento bastante discreto. O número e variedade de estruturas identificadas, a panóplia de artefactos de uso quotidiano (cerâmicas domésticas, contentores de armazenamento, talhe da pedra abundante e com todas as etapas das cadeias operatórias, elementos de mós), e a extensão do sítio (que poderia albergar uma dezena de cabanas e outras edificações permanentes), são factores que indicam estarmos perante um grupo humano constituído por várias famílias vivendo num elevado grau de sedentarização.

Ossítios identificados em prospecção, apresentados atrás, têm por regra uma pequena expressão espacial quando comparados com o Fumo. No caso de Tambores e do Alto da Lamigueira, localizam-se no topo da escarpa da falha Longroiva-Vilariça, detendo portanto um excelente domínio visual sobre o bem irrigado *graben* da Longroiva, no que pode ser considerada uma posição optimizada para a exploração simultânea das terras altas das Chãs e daquela depressão (Fig. 29). Pode daqui concluir-se que estes sítios terão tido funções distintas daquelas do Fumo, porventura menos duradouras e consignadas a actividades economicamente mais especializadas.

No seu conjunto, e ao contrário do panorama calcolítico, o padrão oferecido por estes locais parece denunciar uma tendência para evitar os territórios de planalto aberto, conclusão que necessita obviamente de corroboração adicional, mas que surge reforçada pelo facto de não se conhecerem sítios com ocupações calcolíticas e da Idade do Bronze estratigraficamente sequenciadas (com excepção do Castanheiro do Vento e do Castelo Velho).

Este último sítio, aliás, tem sido interpretado como consistindo num «espaço monumentalizado», sem alterações estruturais e funcionais significativas desde a sua fundação em plena época calcolítica, facto que poderá de algum modo matizar o modelo proposto acima. Contudo, e como a própria responsável pelo seu estudo assinalou aquando da formulação dessa interpretação, «ainda não existe um quadro da Pré-História da região em que se insere Castelo Velho, nem o conhecimento suficiente da “rede de povoamento” em que ele se integra, para podermos ir muito longe na interpretação funcional e sociológica deste sítio» (Jorge, 1998a, p. 113). Efectivamente, só agora se reúnem os primeiros dados nesse sentido, no que ao Bronze pleno diz respeito, nos quais, entre outros aspectos, o papel desempenhado pela conhecida Estela de Longroiva, solidamente datada deste período e originalmente localizada no fundo do referido *graben*, terá de ser tido em conta para uma contextualização de possíveis transformações funcionais e sociológicas ocorridas na vida do Castelo Velho aquando da passagem do Calcolítico (fases 1 e 2) para o Bronze pleno (fase 3).

Em termos paleoeconómicos, o espectro faunístico detectado no Fumo (Valente, neste volume) corrobora a conclusão expressa acima de que se trata de ocupação sedentária, embora conte com uma amostra reduzida. Efectivamente, a maioria dos restos recolhidos pertence a *Ovis*/ou *Capra*, mas a presença não negligenciável de *Bos taurus* aponta naquele sentido. As espécies selvagens que foi possível identificar (*Oryctolagus cuniculus*, *Cervus elaphus*, eventualmente, *Sus scrofa*) denunciam alguma complementaridade nestas estratégias de subsistência.

A comparação do escasso material do Fumo com os dados actualmente disponíveis para o Bronze pleno da Beira Alta — Buraco da Moura de S. Romão, em Seia (Cardoso et al., 1995/96) e Castelo Velho, em Vila Nova de Foz Côa (Antunes, 1995) — debate-se com um baixíssimo número total de restos identificados para este período, pois além dos 39 restos do Fumo, há apenas a registar 65 e 29 restos naqueles sítios, respectivamente. As espécies mais representativas estão indicadas na Fig. 30 e a sua análise permite, no entanto, vislumbrar três tendências principais:

- a fraca representação das espécies selvagens, o que permite concluir que a caça de cervídeos, tão comum em momentos neolíticos e calcolíticos, detinha um pequeno peso na economia animal do Bronze pleno da Beira Alta;
- predomínio dos ovinos e caprinos, só depois seguidos pelos bovinos domésticos;
- a possível existência de estratégias de gestão diferenciadas dos bovinos; com efeito, no Buraco da Moura observou-se a manutenção de indivíduos adultos, o que poderá indicar, segundo os autores do seu estudo, o aproveitamento dos seus «produtos secundários» (lacticínios); pelo contrário, no Castelo Velho parece ser mais frequente o abate de indivíduos juvenis.

É interessante assinalar a presença de barbo (*Barbus bocagei*) no Castelo Velho (Antunes, 1995), uma vez que testemunha a exploração piscícola dos rios da região. O papel dos recursos ribeirinhos do Côa e do Douro (quer a fauna piscícola, quer talvez também a fauna malacológica) terá sido com certeza importante nas estratégias de subsistência das sucessivas comunidades pré-históricas da região, o que está aliás atestado de forma indirecta na própria arte rupestre pleistocénica do Vale do Côa. O seu efectivo peso na dieta alimentar nunca poderá, todavia, ser definitivamente avaliado por limitações de ordem tafonómica.

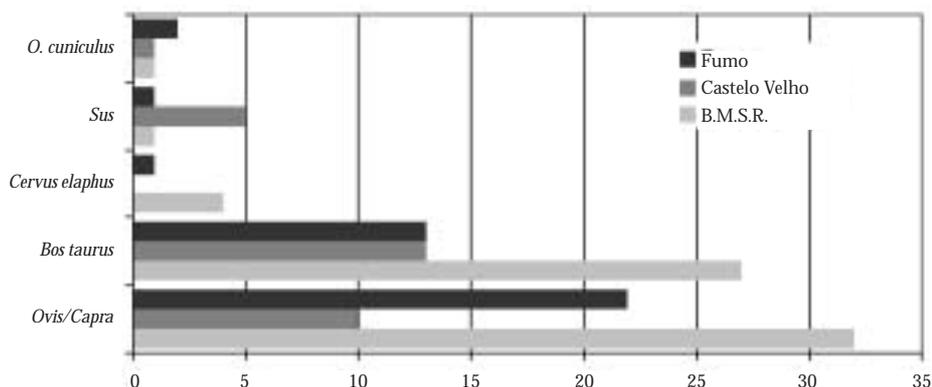


Fig. 30 Arqueozoologia da Idade do Bronze pleno da Beira Alta (Número de Restos Determinados): comparação dos dados do Fumo (Valente, neste volume), Castelo Velho (Antunes, 1995) e Buraco da Moura de S. Romão (Cardoso et al., 1995/96).

O achado de elementos de mó em pedra polida no Fumo pode ser testemunho indirecto da existência de actividades agrícolas. Com efeito, tanto o achado de «elementos de foice» nos terrenos mais baixos da Ribeirinha, como as características que esses solos teriam na época, são observações que levantam a possibilidade de uma exploração agrícola da área adjacente ao povoado (Aubry et al., 1997, p. 201-203). Todavia, a única evidência directa de práticas agrícolas na região durante o Bronze pleno são os escassos macro-restos vegetais encontrados na camada 2 do Castelo Velho, pertencentes a cevada (*Hordeum vulgare*), lentilha (*Lens culinaris*), ervilha (*Pisum culinaris*) e chícharo (*Lathyrus sativus* e *Lathyrus cicera*) (Figueiral, 1999). Estes, porém, são encontrados exclusivamente naquela camada, estando ausentes nos níveis calcolíticos subjacentes, facto que levanta a hipótese de estes restos se correlacionarem com a ocupação histórica intrusiva que foi recentemente documentada e datada nesta mesma camada (Jorge e Rubinos, 2002) e não com a ocupação pré-histórica. Esta possibilidade só poderá ser esclarecida em definitivo através da datação directa destes importantes vestígios.

O leque de rochas utilizadas no talhe da pedra (Quadro 3) é outro factor que também aponta para a exploração preferencial do território circunvizinho. A utilização massiva de quartzo leitoso resulta da sua fácil obtenção nas imediações do sítio, como o demonstram os vários filões ainda muito recentemente explorados como pedreiras. Que a dependência em relação a esta rocha era grande, pode verificar-se pelo facto de utensílios de elaboração mais complexa, como as pontas de seta de retoque invasor bifacial, serem também fabricados em quartzo. O achado de algumas esquirolas de sílex e/ou opala, ao que tudo indica resultantes do reavivamento de utensílios não recuperados em escavação, demonstra que as rochas siliciosas seriam utilizadas até à exaustão, o que corrobora o modelo que se tem vindo a descrever de um assinalável arraigamento destas populações do início da Idade do Bronze ao seu território imediato.

## Agradecimentos

Desejo deixar expresso o meu reconhecimento, em primeiro lugar, a todos quantos participaram nas escavações do Fumo.

A Leonor Pereira agradeço a oferta de um exemplar policopiado da sua Tese de Mestrado sobre a questão das «cerâmicas de Cogeces», trabalho que se tornou importante para a redacção do presente artigo.

Os desenhos das diversas estampas de materiais arqueológicos são devidos a Fernanda Sousa (Figs. 25 e 26) e a Carla Magalhães (Figs. 13 e 19). A Maria Avellà Caimari devo agradecimentos especiais por ter feito gratuitamente a tintagem das figuras 12, 14, 18, 21, 23 e 24 a partir dos originais a lápis da minha autoria.

## NOTAS

- \* Universidade do Algarve  
F.C.H.S., Campus de Gambelas  
8000-117 Faro  
E-mail: afcarva@ualg.pt
- <sup>1</sup> Além dos contextos atribuíveis ao Bronze pleno, deve referir-se a existência de dois sítios com ocupações do Bronze final na região do Baixo Côa: o Castelo de Cidadelhe (Cidadelhe, Pinhel) e o Castelão (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). A ocupação da Idade do Bronze do primeiro sítio situa-se na elevação a Nascente da povoação actual, numa posição sobranceira à margem esquerda do Côa. O Castelão, descoberto pelo PAVC em Outubro de 1997, localiza-se numa elevação muito destacada na paisagem, sobre a margem direita da Ribeira de Aguiar. As enormes quantidades de materiais à superfície incluem cerâmica lisa, parte da qual de grandes contentores, pedra lascada (designadamente «dentes de foice» em quartzo e quartzito semelhantes aos seus congéneres da Estremadura) e «barro de cabana».
- <sup>2</sup> Este sítio foi descoberto por uma equipa do PAVC, dirigida por A.C.P. Lima, que procedia na área a prospecções de Arqueologia medieval.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. F. (1995) - Aspectos da Idade do Ferro e da romanização na bacia inferior do Rio Côa. *Boletim da Universidade do Porto*. Porto, 25, p. 26-27.
- ANTUNES, M. T. (1995) - Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos. In *I Congresso de Arqueologia Peninsular*, VI. Porto: S.P.A.E. (T.A.E.); 35:2), p. 451-455.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F. (1998) - O povoamento pré-histórico no Vale do Côa. Síntese dos trabalhos do PAVC (1995-1997). In *Foz Côa, ano 2000. Cultura e Património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (Côavisão; 0), p. 23-34.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F.; ZILHÃO, J. (1997) - Arqueologia. In J. ZILHÃO, ed. - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 74-209.
- BOTELHO, I. J. (1997) - Dos cacos e dos vasos. O «Castelo Velho» de Freixo de Numão, na charneira do III<sup>o</sup> - II<sup>o</sup> mil. a.C. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*, II. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 401-416.
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; VALERA, A. C. (1995/96) - Aspectos da economia alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamíferos das «Salas 2 e 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa, 3-4, p. 253-261.
- CARVALHO, A. F. (1998) - Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa. In LIMA A.C.P., ed. - *Terras do Côa, da Malcata ao Reboredo*. Guarda: Estrela-Côa, p. 190-195.
- CARVALHO, A. F. (1999) - Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinhã (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 2:1, p. 39-70.
- CARVALHO, A. F. (2003) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 6:2, p. 229-273.
- CARVALHO, A. F.; BAPTISTA, A.M. (2000) - Late Prehistory and rock-art in the Côa valley (Northeast Portugal). Comunicação apresentada ao *67th Annual Meeting of the Society for American Archaeology*. Denver (E.U.A.), 22-24 de Março.
- COIXÃO, A. S. (2000) - *Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa*. 2<sup>a</sup> edição. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- FIGUEIRAL, I. (1999) - Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). The charcoalified plant remains and their significance. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto, 1, p. 259-267.
- JORGE, S. O. (1993) - O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 33:1-2, p. 179-216.
- JORGE, S. O. (1995) - Castelo Velho no contexto da Pré-História recente do Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 37-38.
- JORGE, S. O. (1998a) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. In JORGE, S. O.; JORGE, V. O. - *Arqueologia. Percursos e interrogações*. Porto: ADECAP, p. 69-150.
- JORGE, S. O. (1998b) - Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. In *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: C.E.P.B.A. (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 279-294.
- JORGE, S. O.; RUBINOS, A. (2002) - Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa, 4, p. 95-112.
- JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2002) - Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa, 4, p. 73-94.

- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGET, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L.; AUBRY, T. (2001) - Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la Vallée du Côa. In ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. F., eds. - *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Colloque de la Commission VIII de l'U.I.S.P.P.* Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 17), p. 275-280.
- PEREIRA, L. S. (1999) - *As cerâmicas «Cogeças» de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- QUEIROZ, P.; VAN LEEUWAARDEN, W. (2003) - Estudos de Arqueobotânica em quatro estações pré-históricas do Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 275-291.
- SANCHES, M. J. (1997) - *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro.* Porto: S.P.A.E.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C. (2000) - O Bronze Pleno. Uma transformação na continuidade? In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; PEDRO, I., eds. - *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu.* Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 105-114.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C. (2002) - Aspectos e problemas da investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. In *Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal.* Lisboa: A.A.P. (Arqueologia e História; 54), p. 103-124.
- VALENTE, M. J. (2004) - A fauna mamalógica do povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 221-225.
- VALERA, A. C. (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego.* Lisboa: Colibri.
- VALERA, A. C. (2000) - A calcolitização na bacia interior do Mondego. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; PEDRO, I., coord. - *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu.* Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 81-88.
- VALERA, A. C. (s.d.) - Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego a propósito de um novo contexto: a Quinta da Assentada, Fornos de Algodres. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10; no prelo.

